

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

AREMYS NASCIMENTO SANTOS

THANATURISMO:

A busca do insólito nos lugares de memória

São Luís
2020

AREMYS NASCIMENTO SANTOS

THANATURISMO:

A busca do insólito nos lugares de memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Manir Miguel Feitosa

São Luís
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SANTOS, Aremys Nascimento.

THANATURISMO: a busca do insólito nos lugares de memória /
Aremys Nascimento Santos. – 2020.

90f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Manir Miguel Feitosa

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/PGCULT, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, 2020.

1. Thanaturismo 2.Roteiro 3.Cemitério 4.Geografia
Humanista Cultural. I. FEITOSA, Márcia Manir Miguel. II.
Título.

AREMYS NASCIMENTO SANTOS

THANATURISMO:

A busca do insólito nos lugares de memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Manir Miguel Feitosa

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Márcia Manir Miguel Feitosa (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^o Dr^o Antônio Cordeiro Feitosa
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Terezinha de Jesus Campos Lima
Instituto Federal de Educação / IFMA

A minha querida irmã; Ariadne Santos (in memoriam) “Desde que meu bem partiu, parecem outras as cousas...” (Florbela Espanca)

AGRADECIMENTOS

Primeiro gostaria de agradecer a Deus, força maior que me susteve até aqui, por momentos duvidei e algumas vezes falhei, mas sempre soube que tu Senhor, guiavas meus passos, mesmo quando me sentia perdida.

Á minha mãe Maria Jose (Santoca) tudo foi por ti e tudo por ti será, obrigada mãe por ser minha fortaleza.

Á minha irmã Ariadne Santos (*in memoriam*) será sempre um pedaço que faltará em mim, aos meus olhos o mundo se apresenta diferente, desde que tu partiste...

Á minha irmã Aurélia de Jesus, por seu apoio, por seu amor, por sua doação pelos que ama, obrigada!

Ao meu irmão Dithamar Santos que num tempo que eu nem ousava sonhar, pois nem havia nascido, já me protegia e cuidava de mim, és meu ídolo e sabes disso! Obrigada!

Ao meu sobrinho filho- Paulo Henrique (Paulinho) em sua vida a continuidade é um motivo de esperança! Amo-te mais do que o infinito!

Ao meu sobrinho Aurelino Freire que com sua inteligência e praticidade sempre me ajudava a resolver os problemas, sobretudo os eletrônicos! Obrigada!

Á minha prima-irmã Denise Laúne que literalmente segurou a minha mão quando eu mais precisava, sem ti não tinha chegado até aqui! Obrigada!

Á minha Orientadora Professora Márcia Manir Miguel Feitosa, agradeço a escolha e a acolhida, obrigada por seus ensinamentos, sua paciência e, sobretudo sabedoria em conduzir este trabalho! És uma referência valiosa para todos que convivem contigo! Obrigada!

Ao professor Antônio Cordeiro Feitosa por sua estimada contribuição na qualificação deste trabalho e por suas aulas inspiradoras que nos faziam crer que “apesar dos percalços da vida” seríamos vencedores. Obrigada!

Ao professor Paulo Borralho por suas pertinentes sugestões e contribuições na qualificação deste mestrado. Obrigada!

Á todos os professores do Mestrado pelos momentos de aprendizagem e dedicação, em especial a professora Ana Caroline (Carol) por ser tão prestativa na indicação e empréstimo de materiais relativos à dissertação, e pelas aulas maravilhosas de Antropologia que balançaram meu coração por esta disciplina! Obrigada!

Á professora Terezinha Campos que tão solícita aceitou o convite para integrar a banca examinadora. Obrigada!

À turma de 2018 pelos momentos marcantes que sempre serão lembrados, Suellen Pereira, Andres Eloy, e em especial a Viviane Farias (Vivi) pela sua companhia, por suas palavras de incentivo, pelo apoio sempre presente! Obrigada!

Ao GEPLIT- Grupo de estudos de Paisagem em Literatura, por proporcionar conhecimento, aprendizado e muitas risadas quando preciso. Obrigada!

Ao Grupo de estudo Teoria da Afetividade e Filosofia das Psis na pessoa do professor Flavio Luiz Freitas, que ateou luz a muitos caminhos que estavam obscuros. Obrigada!

A Antônio Noberto pela entrevista concedida, pelo tratamento e sobretudo pelo aprendizado. Obrigada!

Aos administradores do cemitério do Gavião: Sebastião Estrela e Helena Estrela, e aos trabalhadores que sempre me deixaram a vontade para buscar informações. Obrigada!

Ao PGCULT este Programa de Pós Graduação do qual tenho muito orgulho em ter feito parte, o qual carregou no coração! Obrigada!

À coordenação do PGCULT na pessoa da Professora Zilmara de Jesus pela sua paciência e inteligência que a todos iluminava e ao Professor João Batista Bottentuit pelos insights e atualizações. Obrigada!

A todos os funcionários da secretaria que tão solícitos me atendiam. Obrigada!

À FAPEMA- Fundação de amparo à Pesquisa e ao desenvolvimento científico e Tecnológico do Maranhão, pelo respaldo financeiro durante o mestrado. Obrigada!

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho. Obrigada!

Remember

*Recorda-te de mim quando eu embora
For para o chão silente e desolado;
Quando não te tiver mais ao meu lado
E sombra vã chorar por quem me chora.*

[...]

*No entanto, se algum dia me olvidares
E depois te lembrares novamente,
Não chores: que se em meio aos meus pesares*

*Um resto houver do afeto que em mim viste,
– Melhor é me esqueceres, mas contente,
Que me lembrares e fiques triste.*

(Christina Rossetti)

*A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de
mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.*

(Eduardo Galeano)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o Thanaturismo, cujo significado seria “a prática turística onde há visitas, intencional ou por outras razões, a locais que possam oferecer a representação da morte ou do sofrimento, nesses lugares aconteceram tragédias, desastres naturais ou causados pelo homem, ou mortes que marcaram as pessoas e que de certa forma continuam a causar impacto”. (PETROCCHI, 2009.p.) O termo “Thanaturismo” é a junção de tanatos e turismo, em que “tanatos” personifica a morte na mitologia grega. Tema corriqueiro em todas as culturas, a morte é representada de várias formas, em variadas mitologias, cada sociedade encontra um modo de simbolizá-la. A prática do Thanaturismo faz parte do turismo cultural que compreende: “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. (BRASIL,2006, p.10). O trabalho desenvolvido é um estudo interdisciplinar que tem como aporte teórico a Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica. A Geografia Humanista Cultural vem introduzir uma nova maneira de ver o mundo, incorporando em seus estudos o ponto de vista das pessoas que vivem nos lugares, na paisagem, enfim, no espaço que ocupam. A pesquisa também tem enfoque qualitativo, que além de observar os fenômenos sociais, tem uma participação ativa e intensa no universo onde é pesquisado, a saber, o cemitério do Gavião buscando assim uma interpretação e análise dessas relações e da ocorrência *in loco*.

Palavras-Chaves: Thanaturismo. Memória. Cemitério. Geografia Humanista Cultural

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo estudiar el tanaturismo, cuyo significado sería "la práctica turística donde se realizan visitas, intencionalmente o por otras razones, a lugares que pueden ofrecer la representación de la muerte o el sufrimiento, en estos lugares hubo tragedias, desastres naturales o causados por desastres". por el hombre, o muertes que marcaron a las personas y que de alguna manera continúan teniendo un impacto ". El término "Thanaturismo" es la combinación de tanatos y turismo, en el que "tanatos" personifica la muerte en la mitología griega. Un tema común en todas las culturas, la muerte está representada de varias maneras, en diversas mitologías, cada sociedad encuentra una manera de simbolizarla. La práctica de Thanaturismo es parte del turismo cultural, que comprende: "actividades turísticas relacionadas con la experiencia del conjunto de elementos significativos del patrimonio histórico y cultural y los eventos culturales, valorando y promoviendo los bienes materiales e inmateriales de la cultura". (BRASIL, MTur .2006, p.10). El trabajo desarrollado es un estudio interdisciplinario que tiene la base teórica de la Geografía Cultural Humanista, con una base fenomenológica. La Geografía Humanista Cultural introduce una nueva forma de ver el mundo, incorporando en sus estudios el punto de vista de las personas que viven en los lugares, en el paisaje, en resumen, en el espacio que ocupan. La investigación también tiene un enfoque cualitativo, que además de observar fenómenos sociales, tiene una participación activa e intensa en el universo donde se investiga, es decir, el cementerio de Gavião, buscando así una interpretación y análisis de estas relaciones y la ocurrencia in loco.

Palabras Clave: Thanaturismo. Memoria. Cementerio. Cultural Geografía Humanista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Manifestações do turismo excêntrico segundo as manifestações dos agentes...	34
Figura 2 – Campo de extermínio em Auchwitz.....	37
Figura 3 – Museu do Titanic em Belfast, Irlanda	38
Figura 4 – Casa Museu Anne Frank, Holanda.....	39
Figura 5 – Altar dos Mortos	40
Figura 6 – Cemitério da Consolação, São Paulo	41
Figura 7 – Capela dos ossos na Igreja de São Francisco em Évora, Portugal	47
Figura 8 – A boa inspiração do anjo pela fé.	48
Figura 9 – Visitantes no dia de Finados, rezando e acendendo velas no Cemitério do Gavião	51
Figura 10 – Fachada principal da Capela de São José, Cemitério do Gavião	55
Figura 11 – Jazigo de Saturnino Belo – Satú-Belo, político e comerciante	56
Figura 12 – Visitantes no dia de Finados no Cemitério do Gavião.....	59
Figura 13 – Vista do Cemitério do Gavião.....	62
Figura 14 – Túmulo de Aluísio de Azevedo.....	63
Figura 15 – Sousândrade: poeta e idealizador da Bandeira do Maranhão.....	64
Figura 16 – Túmulo da Baronesa de Grajaú.....	65
Figura 17 – Monsenhor dos Santos Chaves	66
Figura 18 – Túmulo da família Nagem	67
Figura 19 – Túmulo da família Chung, de origem chinesa	68
Figura 20 – Túmulo da família Tasaka, de origem japonesa.....	68
Figura 21 – Epígrafe em língua inglesa.....	68
Figura 22 – Detalhe do piso antigo do cemitério dos ingleses, atual Sotero dos Reis	69
Figura 23 – Túmulo de Elias Mouchereck, fundador do Moto Clube do Maranhão	71
Figura 24 – Mãos unidas do Gavião.....	72
Figura 25 – Coluna partida e anjo	73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO	20
1.1	A interdisciplinaridade entre Turismo e Geografia	22
1.2	As abordagens da geograficidade em Eric Dardel	24
1.3	A concepção de lugar e o sentimento topofilico em Yi-Fu Tuan e Edward Relph	25
2	THANATURISMO E POSSÍVEIS ASPECTOS MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA	29
2.1	Possíveis motivações para o Thanaturismo	32
2.2	Alguns roteiros de Thanaturismo no Brasil e no Mundo	35
3	A CULTURA DA MORTE NAS SOCIEDADES: ASPECTOS RELEVANTES	42
3.1	Os índios e a morte: algumas reflexões	44
3.2	A familiaridade com a morte	45
3.3	Culto aos mortos na contemporaneidade	49
3.4	Mudanças de atitude diante da morte no ocidente	51
4	O CEMITÉRIO DO GAVIÃO COMO ATRATIVO HISTÓRICO CULTURA: UMA RELEITURA DA PAISAGEM	54
4.1	Cemitério: paisagem topofilica ou topofóbica	58
4.2	Quando o cemitério se torna lugar?	60
4.3	Memória e Thanaturismo: o lugar de pertencimento	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE	83
	ANEXO	87

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o Thanaturismo, ou, “a prática turística onde há visitas, intencional ou por outras razões, a locais que possam oferecer a representação da morte ou do sofrimento, [...] desastres naturais ou causados pelo homem, ou mortes que marcaram as pessoas e que de certa forma continuam a causar impacto”. (PETROCCHI, 2009). O termo “Thanaturismo” é a junção de tanatos e turismo, em que “tanatos” personifica a morte na mitologia grega. Tema corriqueiro em todas as culturas, a morte é representada de várias formas, em variadas mitologias; cada sociedade encontra um modo de simbolizá-la.

A prática do Thanaturismo faz parte do Turismo Cultural que compreende “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. (BRASIL, 2006, p.10). O turismo cultural é uma prática promissora, pois contribui para preservar a memória coletiva e fortalecer as tradições, oferecendo perspectivas de revitalização e preservação do patrimônio, como atesta Simão (2006, p. 15):

A preservação dos valores culturais e ambientais caracteriza-se, crescentemente, como uma tendência da atualidade. A valorização das coisas locais, em contraposição à globalização da economia e da comunicação, reveste de importância a manutenção de identidades específicas que garantem às pessoas a referência do seu lugar. O passado e suas referências marcadas no território das manifestações culturais tradicionais, repassadas de geração em geração, as formas de fazer - objetos, alimentos, festas - voltam, na virada do milênio, a ser valorizados.

No âmbito do lócus da contextualização desse estudo, essa prática turística poderia se tornar uma alternativa para que a cidade, com suas histórias, personagens reais e imaginários, desencadeasse um resgate ou até mesmo um redescobrimento da memória e identidade local, trazendo o sentimento de pertencimento. O trabalho aqui desenvolvido para o Mestrado em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão é um estudo interdisciplinar que tem como aporte teórico a Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica.

A Geografia Humanista Cultural vem introduzir uma nova maneira de ver o mundo, incorporando em seus estudos o ponto de vista das pessoas que vivem nos lugares, na paisagem, enfim, no espaço que ocupam. Tem por base metodológica a fenomenologia, filosofia surgida no início do século XX e que se volta para “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência...” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.1).

Desse modo a Fenomenologia propõe o entendimento da paisagem a partir das relações entre o sujeito e o objeto e na Geografia Humanista ela auxilia no entendimento do espaço, do lugar e da paisagem como algo não separado do ser humano, mas articulando a paisagem e o sujeito, buscando entender como ela é experienciada.

Para o geógrafo francês Eric Dardel, “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”. (2015, p. 2). Esse sentimento de pertencer a Terra não é meramente físico, mas afetivo, é um modo de existência e de destino, uma experiência vivida, uma relação, portanto, indestrutível e indissociável. A pesquisa tem enfoque qualitativo, pois, além de observar os fenômenos sociais, tem participação ativa e intensa no universo onde é pesquisado o fenômeno, a saber, o Thanaturismo, buscando assim uma interpretação e análise dessas relações *in loco*. (DENCKER, 1998).

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo sobre o tema proposto inicia-se com a realização da pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, documental e trabalho de campo. A pesquisa do tipo documental se faz necessária porque os dados para análise serão obtidos de forma indireta, isto porque embora haja um projeto de *cemittour*¹, que acontece a mais de dez anos, com passeios no cemitério do Gavião, acompanhado de músicos, atores e guia, ainda assim se faz necessário um maior empenho por parte das políticas públicas do Estado em ter um olhar diferenciado para esses tipos de roteiros. Haja vista que o cemitério do Gavião é um patrimônio de extrema importância para a memória da cidade, de modo que ele fique consolidado como um atrativo de Thanaturismo.

Valendo-se do aporte teórico da Geografia Humanista Cultural de base fenomenológica, o trabalho tem como objetivo analisar se o Thanaturismo poderá ser praticado em São Luís do Maranhão, e se essa prática terá destaque no sentido de promoção do turismo cultural, da memória e do sentimento de pertencimento do lugar. Quanto aos objetivos específicos estes consistem em: Identificar o que é Thanaturismo e o potencial turístico de São Luís para essa prática; refletir teoricamente algumas das principais características do Thanaturismo, a partir da perspectiva de lugar; verificar quais as contribuições da prática do Thanaturismo para a cidade de São Luís e ainda um importante questionamento a saber se o cemitério é uma paisagem topofilica ou topofóbica.

A abordagem humanista pautada na fenomenologia busca uma compreensão de mundo vivido pelas pessoas, a concretude das experiências: “[...] a experiência geográfica, tão

¹Projeto idealizado e realizado pelo turismólogo, escritor e historiador Antônio Norberto.

profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”. (DARDEL, 2015, p.6).

Nessa acepção, pode-se observar uma inter-relação entre a Geografia Humanista Cultural e o Turismo, visto que ambos estão imbuídos das categorias geográficas de lugar, paisagem, percepção, espaço, além da memória, da geograficidade e do pertencimento. Desse modo a dinamicidade do turismo, como fenômeno da experiência humana, ultrapassa o simples ato de viajar, tal qual a concepção de lugar e paisagem na Geografia Humanista ultrapassa os elementos físicos:

A geografia humana estuda a repartição dos homens, de suas atividades e de suas obras na superfície da terra, e tenta explicá-la pela maneira como os grupos se inserem no ambiente, o exploram e transformam; o geógrafo debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham. (CLAVALL, 2007, p.11).

Diante do proposto, faz-se necessário evidenciar alguns conceitos da Geografia Humanista Cultural em consonância com o turismo, através do seguimento do Thanaturismo, tais como: lugar, no sentido experienciado, paisagem, espaço, tofília, tofobia, geograficidade. Essa pesquisa é uma extensão da graduação, tendo sua temática continuada para o mestrado, onde se buscou uma interação e aperfeiçoamento para que se adaptasse ao modelo do programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. (PGCULT).

O interesse por essa temática adveio da surpresa em saber que existia tal tema e por sentir que poderia ser possível aplicá-lo à realidade da cidade de São Luís do Maranhão. Nesse sentido esse sentimento também se expressava em mim, pois aquilo que foge ao comum, o que é inesperado, o excêntrico, sempre me fascinaram, fazendo com que evoluísse para a pesquisa.

No trabalho de campo desenvolvido para a monografia², foi possível comprovarmos o interesse público por um roteiro que contemplasse essa temática em São Luís do Maranhão, tendo em vista o enriquecimento do turismo local. Ante a essa constatação, senti necessidade de aprimorar os conhecimentos já adquiridos, vi que o tema necessitava de um amadurecimento maior e cabiam novas perspectivas, novos olhares, enfim, uma maior abrangência e maior aprofundamento do que foi pesquisado na graduação. O tema em si é preñado de possibilidades, por isso buscou-se esse reaproveitamento basilar para o mestrado. Este trabalho também está

²Monografia intitulada: Turismo de *Fait divers*: Uma possibilidade de roteiro para incrementar a cidade de São Luís. Apresentada pela autora no ano de 2015 no curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão. O resultado da pesquisa constatou que 56% dos entrevistados gostariam de participar de um roteiro de *Fait Divers* em São Luís e 75 % acharam importante esse tipo de roteiro para a cidade.

em conformidade com a linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFMA, “Cultura, Educação e Tecnologia”, que envolve a grande área de cultura e sociedade e abrange conhecimentos multi e interdisciplinares das humanidades em geral. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2010).

Dada a peculiaridade da temática, algumas considerações podem ser mencionadas: essa espécie de turismo atende por vários nomes, como: turismo sombrio, turismo necrófilo, *Dark Tourism*, turismo assombrado, turismo de *Fait Divers*, entre outros. Adotamos para este trabalho o termo “Thanaturismo” porque entende-se que atenda melhor às expectativas da referida pesquisa. Outro aspecto que merece atenção especial é o fato de que a produção acadêmica para esse tema no Brasil ainda se mostra insuficiente, e que temas relativos à tragédia e, sobretudo à morte são considerados por muitos como um tabu, ainda assim temas como estes são instigantes e podem dar respaldos para estudos futuros.

Fato presente em todas as culturas, a morte possui várias possibilidades de representações simbólicas, repletas de significados que diferem de uma sociedade para outra. Fazer turismo em um cemitério pode ser enriquecedor, pois encontramos elementos que desempenham importante papel na história de um lugar, sendo a arte tumular um deles, além dos inumados que ali estão sepultados, todos tendo sido construtores de uma memória local, detentores de costumes marcados em suas sepulturas.

Desse modo, locais como o cemitério poderão ter seu uso ampliado para além do estabelecido, dando assim novas diretrizes, novas roupagens ao lugar, além do que, agregado a esse tema, um tanto quanto peculiar, estão arraigadas a cultura, a história, a memória e, sobretudo, a Geografia Humanista Cultural, ampliando assim sua relevância. O trabalho está estruturado em quatro capítulos, tendo como início a introdução onde se traça um panorama do que será abordado na sequência. O primeiro capítulo do trabalho trata dos caminhos percorridos pela Geografia Humanista Cultural e sua relação com o turismo, visto que “O turismo é a única prática social que consome elementarmente o espaço”. (CRUZ, 2003, p.1). A Geografia Humanista Cultural ampliou os limites já pré-estabelecidos da Geografia tradicional, contribuindo para um novo olhar, em que o homem, ou melhor, a experiência humana esteja no centro de tudo, rompendo com a separação entre homem e paisagem. Apresentaremos também as contribuições dos geógrafos Eric Dardel e Yu-Fi-Tuan em seus estudos inovadores acerca da paisagem, lugar, experiência e geograficidade, além dos estudos sobre a concepção de lugar e o sentimento topofilico em Yi-Fu -Tuan e Edward Relph, ambos importantes expoentes da corrente humanista.

No segundo capítulo, aborda-se sobre o conceito de Thanaturismo e quais as possíveis motivações ou seria uma mercantilização da morte pelo turismo que levariam as pessoas a terem esse tipo de experiência turística? Além de alguns exemplos de roteiros no Brasil e no mundo: “um roteiro turístico abrangente comporta diversas abordagens diferenciadas entre si, pode ser baseado em atrativos naturais, culturais com enfoques diferentes; arquitetônico, social. etc.” (BAHAL 2004, p.46). Assim os atrativos culturais incluem roteiros de thanaturismo que por ter como lugar de representação o sofrimento e a morte, não bem aceitos por muitos que veem nessas temáticas apenas uma extensão do próprio culto aos mortos, ou seja, uma vertente mercadológica, como atesta Ayala Gurgel³:

[...] A forma como cada qual se despede dos seus mortos, enterra-os, crema-os ou doa seus corpos e mantém viva a sua memória foi transformada em uma extensão das suas próprias diferenças. Nas sociedades pré-capitalistas são múltiplas as determinações que as asseguram: a honra, a posição social, a casta ou o credo. O capitalismo reduziu-as a um único fundamento: a mercadoria.

É justamente nesse sentido de mercantilização que muitas das vezes o turismo é implantado, tendo maiores consequências no que diz respeito ao eixo cultural do qual o Thanaturismo faz parte, visto que a cultura comumente é tratada de modo adjacente, o que contribui para que haja certa tendência em ver o turismo apenas como um elemento destruturador da sociedade, quando o que é preciso é avaliar ambos os lados dessa atividade.

No terceiro capítulo, traçaremos alguns aspectos relevantes sobre a cultura da morte nas sociedades, tendo como base o pensamento de Philippe Ayrès e seus estudos sobre a história da morte no ocidente, que nos permite entender as mudanças de atitudes ocorridas em relação à ela e seus lugares de representação. De acordo com o autor, “As transformações do homem diante da morte são extremamente lentas [...] em se atendo a uma cronologia muito curta [...] arrisca-se a atribuir características originais da época a fenômenos que são, na realidade, muito mais antigos. Desse modo percebemos que muito do modo como vemos a morte e seus lugares de representação como um cemitério, por exemplo, tem raízes mais remotas do que muitas das vezes pressupomos”. (2012, p.24 e 25).

No quarto e último capítulo, adentra-se na questão da paisagem e do espaço no turismo, buscando no cemitério um lugar de afetividade, em que se verificam novas interpretações da paisagem. Partindo do pressuposto de que o cemitério do Gavião se constitui um atrativo histórico-cultural, acreditamos que os elementos significativos que compõem sua

³ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/capitalismo-agora-e-ate-na-hora-da-nossa-morte/>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

história e construção fazem com que ele possa se tornar “um lugar” de topofilia (amor ao lugar), ao invés de apenas ser um lugar que causa topofobia (medo do lugar). Abordaremos ainda neste capítulo a memória e a ligação com o thanaturismo no que diz respeito aos inumados que lá estão, muitos destes estrangeiros que construíram sua vida na cidade e se tornaram referência para a memória local. Le Goff (1996, p. 423) comenta: A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O trabalho de campo consistiu em fotografar algumas sepulturas e juntamente com a pesquisa documental adquirir informações a respeito do cemitério e de alguns sepultados que ali estão, vários estrangeiros e algumas personalidades conhecidas, tendo como objetivo evidenciar o sentimento de pertencimento que a cidade de São Luís trouxe aos que aqui escolheram viver e consequentemente foram sepultados aqui.

Cemitérios se constituem em fonte de conhecimento, arte, beleza, aprendizado e turismo, e, embora a prática de visitá-los seja de certo modo incipiente no Brasil, percebe-se uma alta ou uma maior abertura deste segmento principalmente em cemitérios como o da Consolação em São Paulo, São João Batista no Rio de Janeiro, etc.

Em outros lugares como Nos Estados Unidos, onde se encontra o cemitério de Arlington em Washington; Highgate, em Londres; Père-Lachaise, em Paris; La Recoleta na Argentina ou Staglieno – Genova, Itália, podemos observar uma cultura da morte muito proeminente, ao contrário do que acontece no Brasil. A prática do Thanaturismo gera uma aproximação maior com locais que até então eram rechaçados pela sociedade e tem sido usada como estratégia financeira, como nos Estados Unidos, por exemplo, onde cemitérios históricos promovem concerto de jazz, cafés-da -manhã com chefes famosos, festa das bruxas, etc. (Maria, 2000). Com isso é visível uma abertura maior para que esse tipo de turismo seja consolidado, além do fator econômico, esses roteiros contribuem para sensibilizar os moradores ou turistas para que lugares como cemitérios sejam vistos por outro olhar, enaltecendo a memória, a cultura e o conhecimento.

Em seguida faz-se análise do material coletado no cemitério do Gavião, tido como um lugar de memória do Thanaturismo, onde estão inumadas personalidades conhecidas da cidade e também anônimos que deixaram um legado, de modo que suas memórias permaneceram como forma incontestada de sua vida no lugar. O trabalho é ainda pautado à luz dos conceitos da Geografia Humanista Cultural, que busca na ampliação do olhar conseguir captar as impressões e experiências vivenciadas pelo sujeito.

1 A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

O conhecimento geográfico sempre fez parte da vida do homem, imbuído da maneira como ele se relacionava com o mundo e com o lugar em que vivia. No início de sua trajetória, a Geografia possuía características rigorosas que delimitavam seu alcance e a faziam seguir por um caminho de forma a ser sempre fiel aos seus princípios, sendo por muito tempo conhecida por seu caráter descritivo por causa de sua herança de levantamento de dados e de se basear na observação (SPOSITO, 2013).

De acordo com Holzer (2016), essa prerrogativa começa a mudar no início dos anos 70, época em que houve uma renovação do pensamento geográfico e foi introduzida uma concepção cultural e humanista na Geografia, o que mudou a relação do homem com o espaço. Dentre os autores mais representativos desta vertente destacam-se: Yi-Fu-Tuan⁴, Edward Relph e Eric Dardel.

Para Vidal de La Blanche como para os geógrafos alemães ou americanos, a cultura pertinente é aquela que se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam. Para ele, entretanto, esses elementos não ganham sentido se não são compreendidos como componentes dos gêneros de vida. (CLAVAL, 2007, p.33).

As várias vertentes ou correntes da geografia receberam influências diversas, de acordo com o caminho metodológico escolhido e a Geografia Humanista Cultural se inspirou na Filosofia, escolhendo o método fenomenológico.

A Fenomenologia se contrapõe à geografia tradicional positivista que vê na lógica a resposta para todas as perguntas, tendo o lugar como referencial descritivo, que considera apenas o conceito matemático e lógico, não valorizando, assim, as relações estabelecidas com o sujeito:

A Fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão [...]. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.1).

⁴ Geógrafo sino-americano e professor universitário, um dos principais representantes da Geografia Humanista. Destaca-se em seus estudos a experiência do homem no meio em que vive. Algumas de suas obras são: *Topofilia- um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974); *Espaço e Lugar- a perspectiva da experiência* (1977); *Paisagens do medo* (1979).

Valendo-se da fenomenologia, a Geografia Humanista Cultural, passa a ter um jeito diferente de interpretar o mundo, sobretudo as categorias geográficas: “pretensão de se relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente, ou mais genericamente sujeito e objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências sua matéria-prima”. (HOLZER, 1997, p. 78). Dessa maneira buscamos entender a paisagem, o espaço e o lugar não como algo distante de nós, mas como uma articulação harmoniosa entre a paisagem e o sujeito, a vida experienciada e vivida nesses espaços.

A Geografia Humanista pode então ser entendida como um empenho em considerar outras formas de análise, tal como introduzir a perspectiva da experiência das pessoas que vivem a paisagem, o lugar, o espaço, ou seja, incluindo o ponto de vista dos seres humanos que aqui habitam e fazem da terra o seu lar:

A paisagem, assim como o lugar e a região, é um desses termos que permitem à geografia colocar-se como uma das ciências das essências nos moldes propostos pela fenomenologia. Ela nos remete para o “*mundo*” que, como coloca Tuan (1965), é um campo que se estrutura na relação do eu com o outro, o reino onde ocorre a nossa história, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos. (HOLZER, 1997, p. 81).

Essa perspectiva nos leva a fazer uma reflexão acerca da importância dessa virada geográfica em oposição ao cartesianismo da geografia tradicional, uma visão holística de mundo, colocando novas interpretações sobre a paisagem, denotando um caminho profícuo para a interdisciplinaridade, como, por exemplo, com o turismo.

As teorias geográficas são básicas para compreensão da natureza e da sociedade, ou seja, do espaço geográfico ou lugares construídos pelo trabalho humano. [...] O estudo do espaço geográfico, das territorialidades, das cidades, do meio rural, das paisagens, do patrimônio natural e cultural, de tudo que passa a ser denominado de espaço turístico, faz-se necessário à compreensão do turismo, e a Geografia subsidia este estudo, ajudando o turismo a se desenvolver e a se consolidar. (COROLIANO, 2005.p 11).

A proximidade existente entre a geografia e o turismo estreita ainda mais essas relações já existentes, visto que Turismo e Geografia caminham juntas, pois que ambas têm em si interesses comuns, como o fato de a atividade turística se valer da análise espacial da geografia e a geografia da espacialidade do turismo. No contexto de Castro (2008), paisagem, lugar, espaço são conceitos próprios da geografia, e este seria o solo sobre qual o turismo acontece. É nessa dinâmica que se produz o conhecimento que contribui para que ambas as disciplinas se beneficiem.

1.1 A interdisciplinaridade entre turismo e geografia

Na reflexão de Balastrieri (1997, p.40), “O estudo do turismo no âmbito da Geografia acentua-se a partir da década de sessenta, respondendo ao acelerado desenvolvimento do fenômeno, ligado à prosperidade econômica que marcou o período de pós-guerra.”, um menor número de horas trabalhadas juntamente com o aumento de renda e tempo livre foi transformando o turismo na atividade que mais cresce no mundo, desse modo:

“O turismo contemporâneo é um dos fenômenos mais significativos do mundo de hoje, e ao mesmo tempo, um dos menos compreendidos. [...] a extensão das atividades turísticas em termos globais e o número absoluto de pessoas que viajam, explicam por que o turismo é descrito como um dos grandes propulsores da economia mundial. Além disso, o turismo é um agente cultural e de mudanças e um substancial colaborador para as mudanças ambientais, em nível global [...] seu campo de estudos é efetivamente bastante sério e amplo. (Cooper, Cris, 2011, p 3).

Esse aumento já pode ser comprovado em várias localidades, que veem no turismo uma válvula de escape principalmente na economia, o que por vezes dificulta sua escalada para a produção de um conhecimento científico do turismo com base em uma epistemologia que pudesse desvendar essa complexa atividade.

Japiassu (1992) comenta que “o papel da epistemologia é o de estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos [...] e ela procura estudar esta produção do conhecimento, tanto do ponto de vista lógico, quanto dos pontos de vista linguístico, sociológico, ideológico, etc. Daí seu caráter interdisciplinar.

Assim faz-se necessário pensar o turismo uma outra perspectiva, que não seja somente o econômico. É verdade que o turismo, muitas vezes, é visto como desestruturador do espaço, ou aquele que faz tudo virar mercadoria, pois o que salta aos olhos é sua lucratividade, principalmente o turismo cultural, possuidor de grande dinamicidade. Assim o turismo que já possui em sua essência o caráter indisciplinar, precisa ser estudado de forma mais aprofundada para que essa característica não seja vista de maneira reducionista.

Embora a ideia de uma interdisciplinaridade seja a de uma aproximação de conhecimento ou de saberes, convergindo assim para o que as disciplinas têm em comum, na maioria das vezes, ocorre na verdade uma delimitação, como atesta Morin (2007, p.135):

Sabemos cada vez mais que as disciplinas se fecham e não se comunicam umas com as outras[...] É por isso que se diz cada vez mais: façamos interdisciplinaridade”. Mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de desmoronar.

Esse fechamento de “fronteiras” que invariavelmente a interdisciplinaridade proporciona é causado pelo paradigma que domina as ciências, cuja lei se aplica a todas as disciplinas, compartilhando dos mesmos tipos de experimentação que conduzem a um resultado comum, o que se torna inviável para as ciências sociais do qual o turismo faz parte. De acordo com (SANTOS, 2010, p.38): “A ciência social será sempre essa ciência subjetiva e não objetiva [...] tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes das correntes nas ciências naturais”.

Pela sua complexa relação o turismo em desenvolvimento acabou gerando um dinamismo sem igual, acentuado por equipamentos turísticos que, na maioria das vezes, eram criados artificialmente, tendo como objetivo apenas o seu lado mercadológico.

É verdadeiramente um grande desperdício que muitos dos circuitos turísticos da atualidade só tenham como motivação para fazer turismo o ato de colecionar imagens, fotos, vídeos e carimbos nos passaportes.

A procura por esses pacotes turísticos revela a superficialidade das relações. Não há realmente interesse em conhecer as pessoas, o modo de vida, o modo de fazer, enfim, as culturas ali existentes. Isso nos leva a uma triste estatística: o turismo, por ser uma fonte de renda, em muitos lugares, é visto apenas como uma vertente da economia:

O fenômeno turístico constitui hoje importante meio de distribuição e geração de renda e é justamente esse o principal ponto focado pelos estudiosos de maneira geral. Em inúmeros textos, os benefícios sociais do turismo são esquecidos, originando assim uma visão fragmentada e superficial desse fenômeno que necessita de uma interpretação minuciosa... (PANOSSO, 2005, p. 15).

Como atesta Moesch (2000, p. 14), “O comportamento mercadológico determinista, que utiliza o turismo como objeto de consumo no sistema econômico, desconsidera sua interdisciplinaridade, principalmente com relação intercultural passível de interferir e atribuir novas relações e códigos [...]”. Ou para TUAN (2012, p. 15): “O turismo em uma utilidade social beneficia a economia, porém não une o homem à natureza”. Assim é preciso que o turismo tenha um enfoque mais humano, como propõe a própria Geografia Humanista, até mesmo porque o turismo poderá trazer uma ressignificação ao lugar, tornando sua relação mais profunda.

1.2 A abordagem da Geograficidade em Eric Dardel

Geograficidade ou *Géographicité*, termo cunhado por Dardel⁵, seria uma relação concreta que liga o homem a terra, mas não uma relação qualquer, mas como modo de sua própria existência e de seu destino. Para este geógrafo, tal ligação só se estabelece realmente se este conhecimento da terra ultrapassar seus limites geometrizados. Para tanto é preciso que diante dos espaços das paisagens haja um apelo maior à imaginação:

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres os socorros de suas evocações terrestres (terrienes) marinhos ou atmosféricas, também sempre espontaneamente, a experiência geográfica tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (DARDEL, 2015, p.6).

O turismo, como prática social intermediada pela Geografia Humanista, faz uso de vários conceitos, entre eles a paisagem: “A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela, sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso.” (DARDEL, 2015, p.31).

Esse movimento é fundamental para o turismo, o ato de deslocar-se de um lugar para outro é a causa originária da prática turística que se complementa através da paisagem, de fundamental importância para a aplicação do turismo em seus variados segmentos, sobretudo o segmento de Thanaturismo.

Busca-se, nesse entendimento, o que nos diz Dardel (2015, p.30) sobre a paisagem: Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos.

Desse modo espera-se que o thanaturismo seja visto além do que aparenta. O fato de se conhecer lugares de tragédias ou morte, como um cemitério, por exemplo, impele o homem a uma busca por um entendimento maior em sua relação com a terra. A geografia faz a intermediação dessas impressões, visto que pode fazer com que o homem encontre a si mesmo, seja de forma individual ou coletiva:

Vir ao mundo é se destacar da terra, mas sem romper jamais, inteiramente, com o cordão umbilical pelo qual a terra nutre o homem. Em tal concepção mais “vívda” que concebida, a relação não é somente aquela de um passado original, porém a da

⁵ Geógrafo Francês (1899-1967) introdutor do conceito de geograficidade, o qual expressa a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Enquanto base da existência, associação entre geograficidade, lugar e paisagem [...] permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica. Autores como Martin Heidegger e Gaston Bachelard influenciaram seu pensamento. Eric Dardel escreveu o Livro: *O Homem e a Terra-natureza da realidade geográfica* (1952), tornando pioneira a abordagem fenomenológica na Geografia.

sempre atual *religio*, que o culto deve renovar todo dia. Do mesmo modo, a morte remete ao homem à sua “morada”, ao seio materno, para novas gerações. (DARDEL, 2015, p.48).

Percebe-se que a ligação que se tem com a terra é permanente, em seus estudos Dardel, também comporta uma Geografia mítica, de transcendência e repleta de simbologias. (Para Gastal, 2002, p.8), “[...] turismo é uma experiência social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e espaço em busca de prazer e diversão que atendam não apenas as suas necessidades físicas imediatas, mas também os seus imaginários”. Esses espaços imaginários também fazem parte da atividade turística, visto que o cenário que compunha sua estrutura produz paisagens para serem contempladas, gerando afetividade. Como atesta Cassirer (2011, p. 153):

Assim como o espaço ‘fisiológico’ se diferencia do espaço ‘métrico’ porque, nele, direita e esquerda, o adiante e atrás. Em cima e embaixo não podem ser confundidos- uma vez que o movimento em cada uma dessas direções, surgem sensações orgânicas bem específicas-, assim também a cada uma dessas direções, estão vinculados, em certa medida, específicos valores afetivos e míticos.

Esses valores afetivos contribuem para fortalecer a ligação homem-terra, tornando essa geograficidade mais latente. A partir do ato de viajar, acaba por tornar essa experiência única, marcante. Para Galvão Filho (2019, p. 15)

[...] a procura de um (de diversos possíveis) sentido geográfico para o ato de viajar: o de ser um ato que mexe com referências geográficas primitivas referencias que constituem um modo próprio de cada homem ser-no-mundo. Nesse sentido, viajar colocaria em movimento um conhecimento geográfico situado no âmbito pré-teórico. Cultivar e narrar experiências viageiras quer dizer, aqui, pensar cuidadosamente nesse conhecimento geográfico, ou, dito de outro modo: perguntar por tal conhecimento, a partir do ato de viajar.

Assim apreende-se que o conhecimento geográfico está imbuído no homem, ou seja, é intrinsecamente a ele ligado, tal como a ligação que se tem com terra, se tornando indissociável de sua natureza, e as narrativas que são feitas através da experiência das viagens, solidificam esse conhecimento.

1.3 A concepção de lugar e o sentimento topofilico em Yi-Fu Tuan E Edward Relph

Na contemporaneidade, o lugar se torna um conceito chave e ganha novas significações. Na Geografia Humanista Cultural, marca um considerável diferencial: se antes o homem via o lugar como algo separado de si mesmo, impessoal e sem laços afetivos, esta visão foi modificada. O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan foi pioneiro em ampliar a visão da

Geografia, dando uma abordagem mais humana a vários conceitos já estabelecidos, entre eles o de paisagem, o espaço e, sobretudo o lugar, mas além destes o autor se dedicou a estudar outro conceito, chamado por ele de topofilia.

Para Tuan (2012), topofilia seria a ligação afetiva entre o homem e o lugar em que ele vive, incluindo o meio ambiente material, podendo variar de intensidade, desde uma apreciação mais estética da beleza ao prazer tátil de sentir o ar, a terra, a água, tudo isto de maneira mais profunda. Na vida moderna, o contato com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional, do que vocacional”. (TUAN,2012, p. 139).

O circuito turístico, atrás da janela de vidro *ray-ban*, separa o homem da natureza. O que falta as pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos hippies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo de vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam. (TUAN,2012, p.139)

O autor chama atenção para as relações superficiais das sociedades na atualidade. A urgência da vida contemporânea faz com que se perca uma apreciação com maior densidade e intensidade. Na correria do dia a dia, não há tempo para um contato mais abrangente com a natureza, e, na maioria das vezes, quando acontece, é através de janelas de vidro, como acontece com alguns circuitos turísticos. Para muitos turistas o importante é ter o máximo possível de fotos de alguma localidade. Esse intuito é tão forte que faz daqueles registros uma prova irrefutável de sua presença ali, como uma necessidade de provar aos outros e a si mesmo sua ida àquele local.

Diante dessas constatações, Tuan (2012, p. 139) nos lembra que “A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos”. E essa apreciação mais aprofundada só acontece com a experiência que pode tornar o ambiente diferenciado para que ele se transforme em um lugar topofilico. Assim para esse autor “lugar” é onde atribuímos sentimentos, valores, vínculos afetivos, de acordo com nossa percepção e experiência do espaço vivido, podendo essa experiência acontecer de forma direta e íntima ou indireta e conceitual:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. (TUAN,2013, p.14)

Percebe-se assim que o autor considera lugar com mais significações do que a localização geográfica; o lugar se expande, estabelecendo também relações com o espaço.

Na reflexão de Holzer (1994), lugar e espaço são parte intrínseca da vida humana, a tal ponto que não se poderia incluir um e esquecer o outro. Essas relações entre espaço e lugar são tão inerentes ao homem, que seria impossível pensar no mundo sem pensar no ser. Existem lugares podem ser vistos por outra perspectiva, como locais que ficaram marcados por alguma tragédia. Nesses lugares em que a emoção é constantemente acionada, poderiam se tornar um importante modo de se experienciar o diferente:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e o tato, até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, 2013, p. 17).

Ao se deslocar para praticar o turismo, o homem pode experimentar a sensação de aventura que uma viagem assim proporciona, visto que o turismo traz na semente de sua formação simbologias que o identificam nas sociedades. O Thanaturismo vem ratificar essa prerrogativa, visto que sua finalidade é a visitação a lugares onde ocorreram tragédias, genocídios, incluindo cemitérios e memoriais, e nestes locais há muito do simbólico.

Além do que, uma experiência num roteiro de Thanaturismo não deixa de ser um diferencial, visto que a maioria dos visitantes não estão habituados a frequentar esses lugares fora da finalidade do qual foram propostos, comumente quase todos os lugares de Thanaturismo são topofóbicos, isto porque a eles estão associados sentimentos e lembranças negativas e tristes, e neste sentido, seria possível um local assim se tornar topofilico? Se buscassem os pontos positivos de lugares assim, como, por exemplo, no cemitério que é rico em história, memória, arte, beleza e sobretudo conhecimento, seria perfeitamente possível essa transformação em lugares topofilicos, desse modo este seria um cenário perfeito para que a topofilia aflorasse. Com o estudo de “lugar” se tornando cada vez mais aprofundados, surgem novas conotações e dentre estes estudos diferenciais, destaca-se também o de Edward Relph,⁶ que discute as diversas razões pelos quais a conceituação de lugar foi modificada, e destaca:

[...] A paisagem construída do mundo, especialmente na Europa e na América do Norte, estava sendo mudada rapidamente, ficando claro que a rica diversidade de lugares que os geógrafos haviam descritos por décadas e séculos estava sendo erodida. Muito dessa erosão ocorria por causa do uso de projetos de arquitetura moderna, os quais olhavam para o futuro sem nenhuma conexão com a história local, o ambiente, as tradições. (2012, p.20).

⁶ Edward Relph - Geógrafo, professor da Universidade de Toronto, pioneiro na discussão sobre a utilização do método fenomenológico pela geografia.

Na busca pelo novo, muito do que foi construído estava sendo destruído, não havia preocupação com o espaço vivido nesses locais, era tudo visto pelo prisma da modernidade. Foram criadas paisagens em 1950 sem a referência de lugar, nas quais as diferenças foram relacionadas às marcas, não às localidades. Assim a perda da diversidade e da identidade geográficas foi palpável, expressa na perda da continuidade histórica; como edifícios e bairros antigos que foram demolidos para abrir caminhos para novos. (RELPH, 2012, p,20).

Percebemos que o interesse pelo lugar surgiu a partir das perdas materiais, que provocaram a criação de um alerta para a destruição da quase totalidade de prédios históricos e lugares de memória. Isso foi paralelo ao interesse de preservar o patrimônio, que estava ameaçado. Edward Relph, sendo um dos expoentes da Geografia Humanista Cultural que tem como suporte a Fenomenologia, se contrapôs a esse modo de ver da geografia tradicional positivista que vê na lógica a resposta para todas as perguntas.

Esse autor, assim como Tuan, tem em comum a paixão pela Fenomenologia, que se tornaria a base para seus estudos. A tese de Relph se tornaria o livro *Place and Placelessness*.

Mas o que é a fenomenologia, afinal? Uma doutrina, um método ou uma filosofia de vida? poderíamos afirmar aqui, de modo preliminar, que a fenomenologia é, sobretudo, uma filosofia que pode influenciar (fortemente, inclusive) uma postura diante da vida, mas também diante da produção do conhecimento em Geografia (e em outros campos do saber científico). [...] (SERPA,2019, p.23).

Percebe-se que a fenomenologia detém uma grande influência no modo de produção de conhecimento e em muitos campos do saber, procurando assim compreender as experiências humanas vivenciadas no espaço. De acordo com Holzer (2012, p.143): “Relph foi o pioneiro em se dedicar a diferenciar as experiências de espaço e lugar, estas experiências são essenciais e mostram a motivação para que a busca pelo thanaturismo aconteça, levando sempre em consideração a subjetividade, o mundo vivido, o que atrai, e o que repele nessas vivências.

2 THANATURISMO E POSSÍVEIS ASPECTOS MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA

Na maioria das vezes em que é estudado o turismo é visto apenas como uma vertente da economia, o que de certo modo é compreensível, visto que em muitos países ele consegue alavancar rendas e multiplicar divisas, no entanto turismo é muito mais do que uma atividade meramente econômica, pois sua influência se estende a vários setores, sobretudo o setor cultural. Turismo corresponde ao deslocamento de pessoas do seu local de origem para outros locais com intenção de retorno, na busca por conhecer hábitos, costumes, tradições diferentes das suas, gerando, dessa forma, impactos que poderão influenciar, positiva ou negativamente, as comunidades visitadas. Para Moesch (2000, p.10):

Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. [...] Desse modo compreende-se que o turismo é muito mais do que aparenta ser porque ele é responsável por estabelecer relações na sociedade abrangendo várias facetas de uma localidade, dentre as quais merecem destaque o que diz respeito ao turismo cultural.

Segundo definição do Ministério do Turismo em parceria com o Ministério da Cultura e IPHAN, “turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. (BRASIL, 2006, p.10).

A priori quando se fala em turismo, geralmente a primeira coisa que nos vem à mente são imagens de lugares paradisíacos, de rara beleza, tendo a natureza como pano de fundo, ou resorts bem aparelhados, supermodernos. Percebe-se que ainda há uma visão um tanto quanto tradicionalista em se pensar o turismo, mas com o avançar do tempo, esse pensamento foi aos poucos se modificando e com a globalização o homem sentiu necessidade de enveredar por outros caminhos, diferentes do habitual e comum, de acordo com (HALL, 2003, p. 88):

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado.

No processo de globalização cada vez mais acentuado surgiram novos conceitos, novas ideias, para agregar uma demanda crescente de satisfação contínua, algumas práticas já consolidadas como o turismo, por exemplo, tiveram que buscar alternativas para ampliar os limites, surgindo segmentos ainda pouco explorados, como o Thanaturismo.

Chama-se de Thanaturismo à prática turística onde há visitas, intencional ou por outras razões, a locais que possam oferecer a representação da morte ou do sofrimento, nesses lugares aconteceram tragédias, desastres naturais ou causadas pelo homem, ou mortes que marcaram as pessoas e que de certa forma continuam a causar impacto. (PETROCCHI, 2009). O estudo que fala sobre a morte em toda sua extensão é chamado de Tanatologia.

A palavra Tanatologia tem sua origem no idioma grego na união dos radicais Thanatos e Logos. Na mitologia grega, Thanatos era uma entidade masculina, representativa da morte. Filho da noite e irmão do sono, era constantemente representada com asas, tendo nas mãos uma foice, uma urna cujo conteúdo provável era de cinzas e uma borboleta, como esperança de uma nova vida. Quanto a Logos, significa estudo. Assim, o significado de Tanatologia poderia ser o de estudo da morte. O dicionário Houaiss coaduna com essa ideia quando apresenta uma das definições como “teoria ou estudo científico sobre a morte, suas causas e fenômenos a ela ligados”. (Kolinski, 2007.p.15)

Nas mitologias encontra-se um campo vasto no que tange a morte e suas representações talvez sejam tentativas humanas de entender aquilo que está além da compreensão, e que de certo modo permanece obscuro. Tânato é então a personificação da morte, enquanto Hipno é a personificação do sono. Por isso dizem que o sono é irmão da morte, estes irmãos gêmeos habitavam os Campos Elísios (País de Hades, o lugar do mundo subterrâneo).

Aí os filhos da Noite sombria têm morada, Sono e Morte, terríveis Deuses, nunca o Sol fulgente olha-os com seus raios ao subir ao céu nem ao descer do céu. Um deles, tranquilo e doce aos homens, percorre a terra e o largo dorso do mar, o outro, de coração de ferro e alma de bronze não piedoso no peito, retém quem dos homens agarra odioso até aos Deuses imortais. (Teogonia dos Deuses, 1995, p. 111)

Essa espécie de turismo pode causar um sobressalto a muitas pessoas, o que não o torna uma prática inviável, ao contrário, este sobressalto ou receio, pode contribuir para uma maior abertura à guisa de curiosidade que é uma característica latente a quase todos nós.

Em praticamente todo o mundo pode-se encontrar lugares que poderiam se tornarem alvos de visitas com a temática do thanaturismo, por ser um fenômeno dinâmico o turismo está em constante mutação, tal qual a cultura humana que necessita reinventar-se para continuar a existir. Lugares como cemitérios que abrigam celebridades, além da arte cemiterial exposta em seus mausoléus, campos de concentração, memoriais, campos de batalhas, entre outros; deixaram registrados acontecimentos que marcaram a memória e a história local, fazendo com que virassem pontos de visita (intencional ou não), evoluindo assim para a prática do Thanaturismo. Embora não haja um consenso no que diz respeito a terminologia usada para definir esse tipo de turismo, em seu TCC, Andreia Prezzi comenta que Seaton (1996)

foi o primeiro autor a usar o termo *Thanatourism*, que seria uma viagem a um local parcial ou totalmente motivado pelo encontro real ou simbólico com a morte, esse termo aparece muito como sinônimo de *Dark Tourism* sendo considerado um modo extremo do turismo de sofrimento, já que envolve a contemplação da morte real. Foley e Lennon (1996) foram os pioneiros em utilizar o termo *Dark Tourism* relacionando a locais onde ocorreram algum tipo de tragédia, desastres, atrocidades, argumentam ainda que esse interesse pela morte é crescente, e acontece desde o final do século XX e início do século XXI. (PREZZI,2009). Porém, sabe-se que este interesse pelo mórbido, pela morte vem desde os primórdios da humanidade, tendo como exemplos a luta dos gladiadores romanos e as execuções em praça pública, que sempre atraíam grandes contingente para assistir tal feito. “[...] Em Roma, depois que se acostumaram aos espetáculos de mortes dos animais, chegaram aos homens e aos gladiadores. A própria natureza (temo) fixou no homem um instinto de desumanidade. “(Montaigne, 1984, p.458).

Diante da prática do Thanaturismo, algumas pessoas podem se perguntar, qual seria o motivo de mostrar sofrimento e dor? Expor perdas e tragédias trará talvez alguma espécie de alívio que se manifesta ao compartilhar essas emoções, talvez reprimidas? Ou tudo não passaria apenas de incentivar um comercio ávido por lucro?

Ferreira (2009) comenta que: os memoriais funcionam como um elo entre o luto pessoal e a demonstração pública, visto que ao se colocar em evidência essas manifestações de pesares, mesmo de pessoas sem renome, isso pode contribuir para que o luto que é pessoal vire uma representação coletiva, como a morte, e as tragédias estão presentes na vida humana, isto causa um entendimento e quiçá aceitação de que não se é a única pessoa a passar por esse sofrimento, trazendo um sentimento de alívio coletivo. Talvez não seja essa a intenção do Thanaturismo, mas isso pode contribuir para sensibilizar as pessoas de modo a não deixar que esses eventos caiam no esquecimento. Este segmento turístico polêmico e complexo, ainda com estudos poucos aprofundados mostra-se como uma alternativa diferente e já começa a atrair um número⁷ (o cemitério Père Lachaise é um exemplo disso) considerável de pessoas interessadas em conhecê-lo, pois há motivação para isso. Em praticamente todo o mundo pode-se encontrar lugares que poderiam se tornar pontos de visitação com a temática do thanaturismo, por ser um fenômeno dinâmico o turismo está em constante mutação, tal qual a cultura humana necessita reinventar-se para continuar a existir, mas para que isso aconteça é necessário que seja praticado de forma responsável e planejada.

⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/38JrsM2>>. Acesso em 20 de nov.2020.

2.1 Possíveis motivações para o Thanaturismo

A prática do thanaturismo, inserida no turismo cultural, tem boa aceitação na Europa e Estados Unidos, podendo vir a ser um importante segmento, visto que possui elementos motivadores para se conhecer a história local:

[...] uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam o instinto e orientam as emoções. [...] ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (MORIN, 2009, p. 17).

Essa complexidade inerente ao homem torna a vida por vezes monótona, gerando um desejo de movimento, uma necessidade talvez em buscar novos caminhos, novos olhares, alimentados por essa vontade que faz parte do seu interior e que precisa criar formas.

Morin (2009) comenta que; as vítimas do sensacionalismo, assim, como da tragédia são *projetivas*, isto é, são ofertadas em sacrifício a infelicidade e a morte. A catarse⁸ é como digerida no cotidiano [...], é como se pensassem, ‘eles morrem em meu lugar’, se atenua em um “são os outros que morrem, e não eu”.

Assim o sentimento em relação ao outro, ao que ocorreu, causa uma espécie de alívio, como se o outro estivesse ali em seu lugar. O que é atípico parece fascinar o homem, de forma que a catarse poderia ocorrer na visita a ou contemplação de lugares que foram palcos de tragédias, genocídios, crimes, memoriais ou mesmo cemitérios.

Percebe-se que o homem está em constante influência na formação de sua personalidade e sua percepção sobre o mundo, fazendo com que tenha reações, o que poderá trazer à tona sentimentos contidos que necessitariam encontrar evasão de algum modo. De acordo com Angrimani, (1995, p.10): “Na vida cotidiana, a recusa de satisfações, ou de exigências pulsionais, vai criar uma abstinência que leva o indivíduo a buscar alternativas para aliviar suas frustrações”. Entende-se que essas frustrações poderão buscar alívio (escoamento) de várias maneiras até mesmo em forma de perversão, como a pederastia, a pedofilia a gerontofilia e a necrofilia.

necrofilia, amor ao que é morto, tem sido aplicado geralmente a apenas duas espécies de fenômenos: (1) necrofilia sexual, o desejo manifestado pelo homem de estabelecer relações sexuais ou qualquer outra espécie de contato sexual com o cadáver fêmea; e (2) necrofilia não sexual, o desejo de manipular, de se aproximar e de examinar pela visão os cadáveres e, particularmente, o desejo de desmembrá-los. (FROMM, 1979, p.435).

⁸ Liberação do que é estranho a essência ou a natureza de uma coisa e que, por isso, a perturba ou corrompe. (ABBAGNANO, 2007).

Além de prescrever uma séria patologia, a necrofilia também tem outra qualificação. FROMM (1979) pontua: o interesse por ler obituários nos jornais, conversar sobre a morte em vários aspectos como, por exemplo, ter curiosidade em saber como pessoas morreram e de que morreram visitar locais marcados por alguma tragédia, enfim, todas essas prerrogativas estariam incluídas numa espécie de necrofilia. Essa forma de necrofilia seria mais “amena” que a forma patológica, poderia ser como uma atração apaixonante pelo que é morto, um paralelo entre a morte e a vida, tendo como prazer destruir.

Na teoria dos instintos, Freud (1975) ratifica a existência de duas pulsões. A pulsão de vida – Eros - e pulsão de morte- Tanatos-, ambas de natureza erótica e idealista. A primeira refere-se aos instintos de autopreservação e a preservação da espécie. A segunda, ao contrário, objetiva desfazer conexões e, assim, destruir coisas. (FERREIRA, 2009, p.350).

O Thanaturismo ainda que de forma acanhada objetiva dá vazão a esses sentimentos, de modo planejado e com responsabilidade. Esse segmento de turismo seria a atração por lugares que simbolizam a morte.

Alguns estudos colocam esse segmento como integrante do turismo de excentricidades. O turismo de excentricidades tal qual o thanaturismo ainda é pouco explorado pelas estâncias acadêmicas, de modo que sua interpretação é diversificada, mas se tratando de conceitos e exemplos, de acordo com (BARBOSA ,2009, p.330):

Excêntrico é algo esquisito, extravagante; original; portanto, sua negação deve ser comum, bem-comportada, repetitiva. Ou seja, enquanto o “cêntrico” amarra-se a um ponto, o “que está fora do centro” dispõe de infinitas variedades. [...] turismo de excentricidades pode ser definido, então, como um segmento de mercado turístico que compreende o movimento de turistas cujo atrativo principal é a prática de atividades extravagantes de caráter recreativo, podendo ocorrer em qualquer espaço e assumindo formas diversificadas.

Na prática dessas atividades já existem vários adeptos, dispostos a participarem dessas aventuras, muitas das quais são recebidas com certa desconfiança por dar impressão de um verdadeiro oportunismo financeiro. De acordo com o quadro abaixo, algumas demonstrações do turismo de excentricidades.

Figura 1 – Manifestações do turismo excêntrico segundo as manifestações dos agentes.

MANIFESTAÇÕES DE TURISMO	MOTIVAÇÃO	QUEM TEM MOTIVAÇÃO?
- Imigração ilegal - Volta ao mundo em veleiros - Turismo sob terrorismo - Tantatoturismo - Nadar com leões marinhos - Vôo de caça nos Estados Unidos - Caça aos tornados	Busca de emoções fortes	Turista
- Atravessar o Saara a pé - Dormir em árvores - Viver como um monge coreano - Ioga na Índia - Pedaladas e trajetos a pé - Turismo de mochileiros - Fazenda de cavalos marinhos - Turismo de mendicância - Passeios de elefante na Tailândia	Gosto pelo exótico	Turista
- Turismo de obesidade - Turismo alternativo - Turismo revolucionário - Prestação de serviços	Desejo de seguir os modismos da minoria	Turista
- Todos os casos (exceto os “eventos únicos”), como Toco Lenzi, Promotor	Percepção de oportunidade de lucro	Os schumann e os mochileiros

Fonte: Maria de Lourdes de Azevedo Barbosa (2009).

O número de roteiros diferentes que fogem ao convencional, como o roteiro de excentricidades e o de thanaturismo ainda é escasso, se vistos em relação aos já consolidados, mas ainda que minimamente, já se vislumbra um interesse maior por lugares assim, quiçá, uma curiosidade em conhecer, o que já faz um grande diferencial. Desse modo a prática do thanaturismo ainda é incipiente em muitos lugares; mas já há estudos sobre a propagação dessa modalidade, com o aumento de ofertas para essa prática.

Assim ele surge como um segmento inovador, que pode ser observado em várias partes do mundo e no Brasil ainda de modo tímido pode-se perceber uma abertura e um interesse nessa modalidade. O Brasil possui forte apelo cultural devido à enorme diversidade regional. Costuma-se mesmo dizer que há vários “brasis” dentro do Brasil, pois cada região tem sua peculiaridade, fazendo com que o país seja múltiplo.

Toda viagem turística é uma experiência cultural. [...] ao sair de seu ambiente, o turista entra em contato com novos sabores da culinária local, com as músicas mais pedidas nas estações de rádio do local, com a forma dos habitantes locais de lidarem com visitantes. Mas nem todo turista é um turista cultural. O que define o Turismo Cultural é a motivação da viagem em torno de temas da cultura. (BRASIL, MTur, 2006, p.13).

Turismo e cultura são intrinsecamente ligados, percebe-se ultimamente uma ampliação na busca por bens culturais, no sentido de obter nova interpretação de mundo, uma forma de manter viva a memória e a identidade, sendo estes um dos principais motivos para o deslocamento. Por isso a importância de roteiros culturais nas localidades, visto que por algumas dificuldades que ocorrem no turismo cultural poderiam ser evitadas se houvesse um bom planejamento.

Não deve ser levado em consideração somente o fator econômico, o turismo cultural não é uma simples mercadoria, em seu íntimo há vivências trazidas pela experiência e memória. Esses sentimentos reforçam o elo afetivo com o lugar, aflorando o sentido de pertencimento, obtendo um referencial de vida, sendo, portanto, uma marca de continuidade.

2.2 Alguns roteiros de Thanaturismo no Brasil e no mundo

*Viajar! perder países! ser outro constantemente
Pôr a alma não ter raízes de viver de ver somente.
(Fernando Pessoa)*

Comumente atraído por lugares que lhe despertem o interesse, o Homem recebe vários tipos de motivações e a concretização desse desejo dar-se-á através das viagens, que são a forma mais consistente de manifestação do turismo. Embora para muitos o turismo seja definido apenas como o ato de viajar, percebemos seu caráter interdisciplinar, e até multidisciplinar já que o turismo carrega na sua estrutura um complexo processo de formação.

O ato de se deslocar acompanhou a história da humanidade desde os seus primórdios, indo de um lugar para outro, motivado apenas pela sobrevivência, o Homem se afastava de onde estava em busca de abrigo, alimentação ou para fugir da natureza ainda hostil, não dominada.

O Homem Pré-histórico se deslocava em busca de alimentos e proteção, respondendo ao instinto natural de sobrevivência e defesa. Algumas vezes a fome era a principal responsável pela evasão dos indivíduos de sua sociedade. [...] O desejo de conquistar mais provisões e até mesmo as riquezas dos outros dos outros povos motivou o empreendimento de viagens para o domínio de outros territórios. (REJOWSKI, 2002, p. 17).

Os deslocamentos sempre fizeram parte da vida do homem, sendo considerada uma de suas características mais marcantes. A necessidade por vezes o obrigava a busca novos caminhos guiados pelo instinto foi adquirindo conhecimento, desbravando novas terras, novos lugares.

No decorrer dos séculos o motivo das viagens foi modificado surgindo novos conceitos que podem ser relacionados com o que chamamos de turismo na atualidade, como toda viagem demanda um caminho, uma rota, e para isso foram criados os roteiros de turismo, que vai tomando forma de acordo com o perfil do viajante.

Um roteiro turístico resume todo um processo de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. [...] Os elementos intervenientes consistem na adequação do meio de transporte a utilizar, em função distâncias a percorrer; ou na qualidade do atrativo; do tipo de meios de hospedagem; de restaurantes; de duração do roteiro; da clientela e do mercado a explorar. (BAHAL, 2004, p. 31).

O turismo, como se tem noção hoje em dia, com o uso de tempo livre e lazer teve início no modelo capitalista, embora muitos roteiros criados ainda

Pode se criar um produto turístico cultural sem falsificações para agradar os turistas. Basta pensar que o produto está dirigido não apenas a uma plateia de curiosos forasteiros (estrangeiros ou não), mas também aos próprios cidadãos locais, que seu objetivo é mostrar as gerações jovens qual foi o processo pelo qual sua sociedade passou pra chegar ao ponto em que se encontra. (BARRETTO, 2007, p. 76).

Assim pode-se pensar num produto turístico cultural sem falsificações, visto que estes lugares ficaram marcados por acontecimentos reais. Embora não seja especificado em qual categoria de turismo certos locais se propõe, verificamos que esses roteiros podem ser alocados como roteiros de thanaturismo, ocorrendo intensa visitas, tais como:

VISITAÇÃO A CAMPOS DE TRÂNSITO⁹ E CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NA ALEMANHA E POLÔNIA

Bergen-Belsen era o nome do lugar onde os prisioneiros em sua maioria morriam por maus tratos, subnutrição e doenças, Anne Frank a prisioneira mais conhecida deixou um diário em que registava a angústia dela e da família vivida nessa época. Na Polônia (Auschwitz e Birkenau) considerado um complexo porque ligava essas duas cidades, nesse campo de extermínio milhões de pessoas foram assassinadas na câmara de gás ou incineradas. Pode-se

⁹ Os campos eram divididos por categorias em: campos de trabalhos forçados, de trânsito, e campos de extermínio. (FERREIRA, 2009).

visitar um crematório, uma câmara de gás, paredões, alojamentos, onde se pode ver até pertences dos prisioneiros. As ruínas desse local foram consideradas Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Há registro que mais de 25 milhões de pessoas já visitaram esse complexo.

Figura 2 – Campo de extermínio em Auchwitz.



Fonte: Berenbaum ([2020]).

REINO UNIDO – BELFAST (IRLANDA) MUSEU DO TITANIC

Foi na cidade de Belfast na Irlanda que foi construído o Navio Titanic (1909 -1911) e no ano do centenário do seu naufrágio (2012) foi criado um museu que é uma réplica do navio. O museu também funciona de forma interativa onde é possível ver a história das pessoas que construíram o navio e pesquisar a lista da tripulação e dos passageiros. Apesar de não haver objetos da época, há réplicas que são perfeitas e estão expostas nas galerias, este museu já se tornou destino turístico e consegue atrair milhares de visitantes todos os anos.

Figura 3 – Museu do Titanic em Belfast, Irlanda.



Fonte: Museu... (2011).

CASA MUSEU – ANNE FRANK

Existem na Holanda vários monumentos e museus dedicados a memória do Holocausto, um dos mais conhecidos e visitados é a casa de Anne Frank, nesse lugar ela ficou escondida por dois anos, juntamente com sua família, até serem descobertos pelos alemães e mandados para campos diferentes. Anne Frank e sua irmã Margot foram levadas a Bergen-Belsen na Alemanha, um campo de trabalho forçado, em que a maioria das pessoas morriam de doenças causadas pelo esforço no trabalho e subnutrição. Quando completou 13 anos de idade Anne ganhou um diário do seu pai, e foi nesse diário que ela relatou como era sua vida no confinamento do anexo secreto, nome que ela deu ao lugar onde ficou escondida. No museu pode se visitar o sótão onde a família vivia, o diário escrito por Anne Frank foi transformado em livro pelo seu pai, Otto Frank, o único sobrevivente.

Figura 4 – Casa Museu Anne Frank, Holanda.



Fonte: Visita... (2018).

DIA DOS MORTOS NO MÉXICO

Festa derivado do dia de todos os Santos (sec. XV) quando eram feitas rezas para as almas dos mortos no purgatório. No México se comemora o dia dos Mortos, muito antes da chegada de Colombo. Sendo considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), O Dia de Los Muertos atrai milhares de visitantes, a crença popular é que as almas dos mortos voltam para visitar seus parentes, sendo atraídos pelo perfume das flores, que já estão no altar dos mortos preparado para este fim. Na decoração se tem o papel picado na cor amarela, que representa a cor da esperança dos povos pré-colombianos, além da foto dos mortos, vela, uma jarra com água e um prato com terra completando assim os quatros elementos. (ar com o papel picado, fogo das velas) da natureza são obrigatórios, além da comida e bebida preferida, a família permanece no cemitério durante a noite fazendo refeições e comungando com a presença dos mortos. (Rezende, 2007)

Figura 5 – Altar dos Mortos.



Fonte: Rincón (2019)

BRASIL – SÃO PAULO

São Paulo possui vários lugares de visitação com a temática do thanaturismo, um dos mais conhecidos é o edifício Joelma, onde no dia 1 de fevereiro de 1974 um curto circuito causou um incêndio no local, provocando a morte de mais de 200 pessoas.

Outro ponto de visitação bastante disputado é o cemitério da Consolação¹⁰ que abriga muitos personagens ilustres. Outro ponto bastante conhecido é a capela dos aflitos, localizado no bairro oriental da ¹¹Liberdade, essa capela é datada do século XVIII, que de acordo com alguns estudos sugerem que ali eram enforcados escravos. Há também o palácio da justiça onde se diz pode se ouvir vozes de pessoas condenadas injustamente, e o Edifício Martinelli lugar onde uma “Loira” aparece para assombrar e até a Câmara dos Vereadores que se diz está povoada de espíritos errantes.

10 - O Cemitério da Consolação é o mais antigo da cidade de São Paulo, possui belíssimas sepulturas criadas por artistas consagrados se tornando um referencial da Arte tumular. Além de abrigar personagens ilustres como Tarsila do Amaral, Monteiro Lobato, Oswald e Mario de Andrade, entre outros. Possui também o maior Mausoléu da América Latina, o da família Matarazzo. <https://www.cemiteriosemsaopaulo.com.br/cemiterio/sao-paulo-capital/zona-oeste/cemiterio-da-consolacao>

11 - https://avidanocentro.com.br/o_que_fazer/lugares-mal-assombrados-centro-sp/

Figura 6 – Cemitério da Consolação, São Paulo.



Fonte: Famosos... (2020).

O cemitério da Consolação é um referencial na arte tumular sendo muito visitado por pessoas que procuram conhecer um pouco do que está ali exposto, ao passado, as histórias das pessoas ali enterradas, comprovam que o cemitério pode ser visto muito além do que propõe. A morte e seu modo de representação é um fato presente em todas as culturas, tornando bastante diversificada o modo como é reverenciada. Além do cemitério da Consolação o do Morumbi recebe bastante visitantes devido as personalidades importantes que ali estão, tais como: Ayrton Senna, Clara Nunes, Hebe Camargo, Altemar Dutra, entre outros. O cemitério da Consolação é o típico cemitério tradicional, construído para o enterro de pessoas tradicionais, tem construção de origem europeia principalmente no século XVIII e XIX, a exemplo de outros cemitérios do mundo como: Cemitério da Chacarita onde esta Carlos Gardel em Buenos Aires, Mario de Andrade no Consolação, Carmem Miranda no São Joao Batista no Rio de Janeiro, Victor Hugo no Père Lachaise em Paris, entre outros.

3 CULTURA DA MORTE NAS SOCIEDADES: ASPECTOS RELEVANTES

A concepção da morte revela a concepção da vida. Uma sociedade para a qual a morte já não tem sentido[...], é também uma sociedade que perdeu o sentido da vida. Estamos vivendo esse momento, de perda, de falta de sentido. Já não sabemos mais o que é a morte, porque já não sabemos com clareza o que é a vida (José de Souza Martins)

Falar sobre a morte¹² pode trazer certo desconforto para muitas pessoas, sendo preciso muitas das vezes recorrer a certos eufemismos para tentar suavizá-la, torná-la menos dolorosa, o que quase sempre faz com que ela se transforme num verdadeiro tabu para muitas culturas.

Mas o que é a morte? Para Maranhão (1985, p.21): “A morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede, e, como tal, é transclassista. Diante dela todos os homens se igualam: sua foice é desferida indiscriminadamente [...]”. No entanto, se a morte iguala todos, pois todo homem é mortal, o mesmo não se pode dizer das diferentes maneiras que cada cultura tem de representá-la.

Como a espécie humana é a única a crer na sobrevivência após a morte, há provas de que desde os primórdios os ritos funerários faziam parte da convivência humana. Mesmo na pré-história, quando o homem não tinha ainda um lugar definido, um local fixo no espaço, foram encontradas várias ossadas em grutas e cavernas, o que demonstra uma preocupação com o fim que se dariam aos corpos. Enquanto o homem pré-histórico saía em busca de alimentos, os mortos ficavam abrigados nas cavernas, tornando a cidade dos mortos uma predecessora da cidade dos vivos. REZENDE (2007).

Na civilização egípcia, por exemplo, morrer não era visto como um fim, mas um recomeço no além. A própria construção das pirâmides que, na verdade, eram mausoléus muito bem estruturados, tinham a intenção de perpetuar a vida, ainda que em outro “plano”. Essa crença era tão levada a sério, que havia todo um ritual como o embalsamamento, momento em que uma espécie de resina era passada no corpo e os objetos pertencentes ao morto era colocados ao seu lado. Desse modo se acreditava numa continuidade da vida, na imortalidade

¹² A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala na morte de uma tempestade, mas na morte de um dia belo. Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas: está ligada ao simbolismo da terra. Mas é também a introdutora aos mundos desconhecidos dos Infernos ou dos Paraísos; o que revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproximação, de certa forma, dos ritos de passagem...(Chevalier, Jean, 2018, p.621)

da alma: “[...] a religião talvez seja o que há de mais relevante no Egito, tudo era orientado por ela. Para os egípcios, eram as práticas rituais que asseguravam a felicidade nesta vida e a existência depois da morte.” Como atesta (Proença, 2010, p.17).

Além de crer em deuses que poderiam interferir na história humana, os egípcios acreditavam também numa vida após a morte e achavam que essa vida era mais importante do que a que viviam no presente. Inevitavelmente, a arte criada por esse povo refletiu suas crenças fundamentais. Dessa forma, a arte egípcia concretizou-se, desde o início, nos túmulos, nas estatuetas e nos vasos deixados junto aos mortos. E por isso também que a arquitetura egípcia se realizou sobretudo nas construções mortuárias.

Assim os egípcios percebiam a morte com costumes que atravessaram a antiguidade, e onde cada povo tratava os falecidos de maneiras múltiplas, em alguns países africanos a água era o elemento escolhido para destinar os mortos, talvez uma maneira de retornar a terra natal numa nova travessia, agora de regresso ao continente africano.

O ar é outro elemento usado para essa destinação, assim como as cinzas são jogadas ao vento, representando o retorno do pó ao pó, a carne do morto deve ser devorada por animais, representando o retorno da carne a carne. No oriente, os corpos dos mortos eram dependurados em árvores para serem devorados por aves de rapina.¹³

As visões do mundo Javanês e balinês são muito semelhantes, consideremos o esquema balinês, que é mais simples dos dois, o dualismo é evidente na identificação da montanha como o mundo superior e do mar como o mundo inferior. Essas são oposições polares: da montanha vem água fresca que simboliza a vida, enquanto a direção do mar é a de calamidade, doença e morte. (Tuan, 2012, p.43)

Percebe-se como os elementos são importantes no cuidado com os mortos, o fogo, a água, o ar, todos possuem uma função primordial, mas quem poderia imaginar que o próprio corpo poderia servir como sepultura, a respeito disso Montaigne, (1984, p.267) comenta:

Nada me parece mais horrível a imaginação do que um filho comer um pai. Os povos entre os quais esse costume existia outrora encaravam-no, entretanto como prova de devoção e afeição, pois visavam dar aos seus progenitores a mais digna e honrosa Sepultura, alojando por assim dizer na medula dos próprios ossos o que restava de seus pais, reavivando-o, regenerando-o através da transmutação da carne morta em carne viva pela digestão. É fácil imaginar que crueldade pareceria, e que abominação, a estes homens supersticiosos enterrar os despojos dos parentes na terra, onde iriam apodrecer e transformar-se em alimento para vermes. (Montaigne, 1984, p. 267)

¹³ *Sky burial*, é um ritual milenar e semelhante a este praticado no Tibete, no qual os mortos são cortados em pedaços pequenos e colocados no alto de uma montanha para serem comidos pelos pássaros. Esse ritual se tornou destino turístico, sendo impedido de se realizar devido à perda de sua originalidade, após essa crise voltou a acontecer novamente, sem a presença de turistas. IN: PETROCCHI, Mario. Turismo: planejamento e gestão. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

Nesse sentido vemos como as diferentes crenças modificam a maneira como se tratam os mortos, enquanto que para uns parece terrível devorar o cadáver de um ente para que ele fique alojado em suas entranhas, para outros parecerá mais terrível ainda enterrar os restos mortais dos seus para que sejam decompostos. Para outros povos como os índios por exemplo, há muitas tradições e rituais que tornam significativos seu legado para que as gerações mantenham viva essa dinamicidade da cultura.

3.1 Os índios e a morte: algumas reflexões

Um dos aspectos mais conhecidos sobre a morte em relação aos índios brasileiros é sem dúvida o canibalismo e o antropofagismo praticado por eles, isto que na visão eurocêntrica é algo tenebroso, demoníaco, animalesco. Visto por muitos apenas como um ato de vingança contra os inimigos, este ritual antropofágico pode representar a busca do equilíbrio ao controle coletivo, o restabelecimento da ordem que acontece contra aquele que ouça interferir de forma negativa, esse hábito pertencia a alguns povos como o Tupi, que viviam na costa brasileira na época que descobriram o Brasil. (FRANCO,2008).

Sendo a morte uma ruptura, uma quebra no “equilíbrio” das coisas, uma anormalidade por vezes grotesca, assim é necessário reestabelecer a ordem, talvez os rituais tenham essa função. Dentre todos os rituais, o funeral é sem dúvida o mais importante para os índios Bororo do Mato Grosso, sendo um ritual bastante longo podendo durar até três meses, pois é necessário esperar o corpo se decompor, começa com a morte e termina com o enterro dos ossos nas margens de uma baía. Pelos gritos das mulheres e pela cabeça pelada é que se podiam distinguir a casa de onde o morto estava sendo velado. Os cabelos eram arrancados em tom de desespero e só o faziam quem tinha alguma relação com o morto, que partilhavam com ele uma substância comum: rakare (como sangue ou sêmen) ou se pertencesse a mesma linhagem, para eles a morte não era vista como algo natural. (Novaes,1983)

A relação com a morte entre os índios Kayapó e os Bororos são diferentes, enquanto os Bororos utilizam de várias simbologias e rituais que podem durar dias, os Kayapó acreditam que a morte não requer tantos cerimoniais assim. De acordo com Vidal (1983), Os Kayapó antes de pensar na morte, se preocupam mais em não envelhecer, a juventude é com certeza uma das coisas estimadas por eles, fato que o fazem lamentar profundamente quando morre um jovem de ambos os sexos, e ainda dizem. A perda de alguém jovem é como se todo investimento tivesse sido em vão, pois não poderá mais reproduzir sua descendência e assim garantir a continuidade. Em relação aos funerais, quando morre, o defunto é colocado em uma esteira,

pintado (urucu)¹⁴ chorado e enfeitado pelas mulheres parentes, sendo esses enfeites o mesmo que usou em sua iniciação no caso dos homens. O enterro é feito num cemitério, e a morte é vista como um rito de passagem. A respeito do uso de cores (urucu) que se configura no tom vermelho, Tuan, 2012.p.45 comenta: As cores primárias (são as que não podem ser obtidas por meio da mistura de outras cores, como o caso do vermelho, amarelo e azul) e designam emoções fortes.

[...] Entre as cores cromáticas, o vermelho é a cor dominante e seu significado é o mais amplamente compartilhado por povos de diferentes culturas. O vermelho significa sangue, vida e energia. Desde o Paleolítico Superior, a ocre vermelha tem sido usada nos sepultamentos. [...] Nisto não há contradição: vermelho é a cor do sangue e sangue é vida, mas o sangue derramado leva à morte. Os sarcófagos gregos, etruscos e romanos possuem traços de tinta vermelha em seus interiores, e a mortalha vermelha vem sendo usada até o presente nos sepultamentos, embora atualmente seja usada só nos funerais de um papa.

Entende-se que o uso das cores nas cerimônias funerárias remonta épocas bem antigas e cujo significado parece ser universal para a maioria dos povos. Ainda em relação aos enterramentos dos Kayapó (VIDAL,1983, p.321), comenta que estes fazem sucessivos enterros ao longo do tempo, enterram e desenterram seus mortos, até que fiquem apenas os ossos que recebem um tratamento diferenciado, são lavados e pintados de urucu. Com o tempo esses ossos vão se juntando aos ossos de outros parentes na mesma cova.

Por esse motivo os cemitérios são tão importantes, não por razões religiosas transcendentais ou pelos ancestrais, mas porque eles representam as conquistas territoriais e seu patrimônio numa grande área da floresta. Para o homem branco ocidental as mudanças em relação a forma de tratar a morte acontece de forma lenta, através de uma complexa pesquisa na história sobre as mentalidades coletivas.

3.2 A familiaridade com a morte

Philippe Ariès relata que durante a idade média a morte era vista com naturalidade, sem tantos questionamentos, aceitava-se sua chegada como algo comum, corriqueiro, que não precisava de tantos alardes, havia uma preparação para a espera da morte, de modo que esta

¹⁴ O **urucum** ou **urucu**, do tupi, *uru'ku*, que significa "vermelho", é uma fruta que cresce na árvore pertencente à espécie *Bixa orellana*. Nativo da América tropical, o **urucueiro** chega a atingir até seis metros de altura, apresentando folhas de cor verde-claro e flores rosadas, com frutos cujas sementes são de um vermelho bem vivo. As sementes do **urucum** são usadas tradicionalmente por índios brasileiros e peruanos como matéria-prima para tintas vermelhas, protetor solar, repelente e item religioso de agradecimento pelas colheitas e pesca. No Brasil, o **urucum** em pó é utilizado por não-indígenas como condimento para dar cor aos alimentos. Disponível em: < <https://bit.ly/3ppmjiK>>. Acesso em 20 de nov.2020.

cumpria seu destino de forma silenciosa, numa sincronia perfeita com os ciclos da vida: “Não apenas não retardavam o momento de prestar contas, como também se preparavam calma e antecipadamente, designavam que ficaria com o jumento, quem ficaria com a galinha. E extinguíam-se com uma espécie de alívio [...]”. (ARIÈS, 2012. p.40).

Assim era feito seguindo os costumes dos mais velhos, com rituais que ainda na contemporaneidade perduram, visto que a morte “domada”, como o autor denominava esse modo de morrer, vigorou por muitos séculos entre a mentalidade cristã do ocidente, isto porque, na Idade Média, as rédeas do cristianismo são tomadas pela igreja católica, a quem pertence todos os direitos e deveres do cristão para com a igreja, para com a sociedade. O instante da morte se tornava um verdadeiro apogeu, pois era o momento do encontro com Deus, o momento de ser perdoado pelos pecados, e este encontro era ritualisticamente preparado, sendo a morte esperada no leito, durante muito tempo, esse modo tranquilo de morrer “sem criar casos, sem se vangloriar de que não morriam, sem fanfarronadas (ARIÈS 2012, p.40). Embora essa familiaridade com a morte tenha trazido uma coexistência entre os vivos e os mortos, ainda assim se mantinham distantes um do outro o máximo que podiam, relegando os mortos para fora da cidade, ao contrário do que acontecia durante o passamento do jacente, em que havia acolhimento ritualístico para essa partida.

Como se expressa Philippe Ariès (2012, p.39):

A morte era esperada no leito [...], “jazendo no leito enfermo”. [...], a morte é uma cerimônia pública e organizada. [...], o quarto do moribundo transforma-se então em lugar público onde se entrava livremente. [...] era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levam-se as crianças-não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. [...] por último a mais importante: a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos.

Os vivos não queriam contato com os mortos, embora honrassem as sepulturas desde as antigas civilizações pré-cristãs, de onde se origina boa parte do conhecimento que se tem em relação à arqueologia funerária, através dos objetos encontrados nas tumbas: “O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos [...] os cemitérios eram feitos fora das cidades, à beira das estradas como a Via Appia, em Roma, e os Alyscamps, em Arles. (Ariès 2012, p.41).

Porém de relegados para fora da cidade, os mortos retornarão para ela, não tanto pelo Cristianismo, mas pelo culto aos mártires africanos.¹⁵ Assim os enterros que aconteciam

15 “[...] começou nos cemitérios extra-urbanos, onde foram colocados os primeiros mártires. Com base na crença do santo, foi construída uma basílica, cujas funções eram exercidas por monges, e em torno do qual os cristãos

no interior das igrejas, os mais ricos em seu interior, ou mais próximos de Deus, sendo colocados diretamente sob as lajes do chão, no futuro seus despojos também seriam transportados para a vala comum, dando origem aos ossuários.

Figura 7 – Capela dos ossos na Igreja de São Francisco em Évora, Portugal.



Fonte: Capela... (2015).

Na Idade Média, ou ainda nos séculos XVI e XVII, não importava onde se colocariam as ossadas, desde que permanecessem dentro dos limites das igrejas. O próprio cemitério se tornou um local público mesmo com os corpos sepultados ali e, em seu redor, existiam uma convivência harmoniosa entre vivos e mortos. O cemitério nem sempre era o local onde se enterravam, mas para além desse significado e independente de qualquer destinação funerária, podia ser um local de asilo, sendo assim definido como *azylus circum ecclesiam*. Em derredor da igreja, havia galerias onde eram depositados os ossos dos mais pobres, que acabavam por serem usados em decoração barroca e com certo teor macabro, muito comum em certas igrejas que possuem esses ossuários como ornamentos.

Com a passagem dos séculos (XII e XIII) os costumes das sociedades ocidentais foram se alterando, por volta dos séculos, mas essa alteração aconteceu de forma lenta: a morte que até então era vista como algo coletivo, passou a ser vista de forma individual. A percepção de si mesmo levou a uma preocupação com a individualidade, havendo interesse maior em se

queriam ser enterrados. Esse tipo de enterro ficou conhecido por *Ad sanctos*. A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada[...], a partir de então, não houve mais diferença entre a igreja e o cemitério. (Philippe Ariès- a história da morte no Ocidente, 2012).”

perpetuar a memória. O individualismo aflorara, deixando como marca o nome gravado, afim de que seus feitos não fossem esquecidos. Se antes a familiaridade com a morte era uma das principais características do homem medieval, a partir do século XII, essa familiaridade vai dar lugar a uma personalização do homem com Deus, através do juízo final:

Esta cena se passa no quarto do moribundo e foi representada por uma iconografia conhecida como “*Ars Moriendi*” que significa a arte de morrer ou a arte do bem morrer, um manual escrito no início do século XV que tinha como objetivo orientar as pessoas para que elas tivessem uma boa morte, notadamente cristã. A cena se passa no quarto do moribundo, quando este já está no leito esperando pela sua morte, cercado pela família e amigos. O jacente acompanha a cena com um misto de indiferença e inquietude, assistindo assim a uma disputa pela sua alma, entre o bem e o mal.

Figura 8 – A boa inspiração do anjo pela fé.



Nesse período iniciou-se uma tomada de consciência em relação a três categorias mentais: a da morte, a do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e a do apego apaixonado às coisas e aos seres. Para o homem daquele período, a morte se tornou o lugar em que melhor ele tomava consciência de si mesmo, (ARIÈS, 2012)

Essas atitudes em relação à morte se destacam gerando uma diferença considerável: enquanto o homem daquele período se resignava perante o seu destino de coletividade, afinal a morte chega para todos, o deste tem uma ardente paixão por viver, arraigada com a emoção de forma dramática, de tal modo que se entristece com o destino final que se aproxima. Outra característica marcante desse período foi sobre as sepulturas que a partir de então serão personalizadas. Na antiguidade ainda se poderia encontrar túmulos com algumas inscrições, mas com a influência do Cristianismo essas inscrições praticamente desapareceram isto devido aos sepultamentos “ad sanctus”, em que os defuntos eram confiados à igreja. As inscrições funerárias voltaram de forma enérgica a partir do século XII, a priori em túmulos de pessoas ilustres e com mais frequência no século XIII, tendo como principal ênfase a identidade do morto.

Além da representação das *Ars Moriendi*, surge também o aparecimento do cadáver chamado de “o cadáver decomposto”, representado agora como carniça na arte e na literatura. Essa visão do corpo putrefato se torna quase como uma obsessão, aliás, isto se transformaria no que foi chamado de dança macabra, onde a morte personificada conduzia os indivíduos, independente do status social, a dançar em seus próprios túmulos, desenhados todos em forma de esqueleto. Com esses temas em voga Juízo final, *Ars Moriendi*, dança macabra), estabeleceu-se uma relação, até então ignorada, entre a morte do indivíduo e a sua consciência em respeito à sua individualidade. Tal como num espelho onde está refletida sua própria morte, cada homem descobria o segredo da sua individualidade, de sua mortalidade, tanto que essa relação vislumbrada pela Antiguidade greco-romana, mais especificamente pelo epicurismo e logo a seguir abafada ou mesmo esquecida, nunca deixou de impressionar a civilização ocidental.

3.3 Culto aos mortos na contemporaneidade

Se antigamente a morte temida era a “morte de si mesmo”, a partir do século XVIII, o homem ocidental passa a temer a “morte do outro”, dando assim um novo sentido à morte: “Exalta-a, dramatiza-a, deseje-a impressionante e arrebatadora. Mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e, assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo a *morte*

do outro”. (ARIÈS, 2012 p.66). Esse novo modo de pensar é que deu origem ao culto dos mortos e dos cemitérios nos séculos XIX e XX, porque o outro inspira saudades e é preciso lembrá-lo. Antes, porém dessa evocação aos mortos, ocorrida neste século, convém lembrar outra atitude ocorrida a partir do século XVI, e mesmo no fim do século XV, os temas relativos à morte ganham um sentido erótico, se nas danças macabras mais antigas a morte tinha como função avisar, tocando o moribundo, na nova iconografia do século XVI, ela o viola:

Como o ato sexual, a morte é, a partir de então, cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho monótono, para submetê-lo a um paroxismo e lançá-lo, então, em um mundo irracional, violento e cruel. Como o ato sexual para o Marquês de Sade, a morte é uma ruptura. (ARIÈS, 2012, p.67)

Essa ideia de ruptura é inteiramente nova, visto que outrora a concepção que se tem da morte é de familiaridade, mesmo com a consciência da particularidade não havia se tornado nem obsessiva, nem apavorante, continuava “domada”, a partir de então, há essa ruptura, essa mudança. Ao se desenvolver no mundo das fantasias eróticas, essa ruptura passará ao mundo real dos fatos e dos acontecimentos, perdendo sua característica erótica que ficará reduzida, sendo, ao menos, exaltada a beleza: “A morte não será desejável como nos romances macabros, mas, sim, [...] pela beleza: é a morte romântica, de Lamartine na França, da família Bronte na Inglaterra, de Mark Twain na América. (ARIÈS, 2012, p.68). A cena que anteriormente ocorria em relação ao jazente ainda é a mesma, os ritos de morte aconteciam no quarto do moribundo, com as cerimônias de costume e rituais executados, mas há um novo elemento nesta cena: uma paixão arrebatadora: “[...] ela é agitada pela emoção, chora, suplica e gesticula [...], inspirados por uma dor apaixonada e única no gênero, a simples ideia de morte comove, é vista como uma recompensa, um grande bem”. (ARIÈS, 2012, p.70). A grande mudança surgida no século XVIII e que se tornou um dos traços mais marcantes do Romantismo seria a complacência com a ideia de morte. O culto aos mortos se tornou mais latente, sendo consequência também do patriotismo exacerbado do nacionalismo no século XIX, derivado do positivismo de Augusto Comte.

Nesse sentindo houve necessidade de prestar homenagens aos soldados mortos, sendo feitas construções funerárias para esta finalidade. A partir deste momento, o túmulo é considerado uma segunda morada, ali se evoca a lembrança do morto, como uma espécie de culto, assim o cemitério passa a ser um lugar atrativo, onde os vivos enaltecem a memória do falecido. Os cemitérios como lugar de representação deste culto são muito visitados, sobretudo no dia dos mortos ou dia de todos os santos devido à mentalidade cristã.

Figura 9 – Visitantes no dia de Finados rezando e ascendendo velas no Cruzeiro do cemitério do Gavião.



Fonte: Elaborado pela autora.

Se bem que “A organização dos funerais, a escolha da sepultura, a pompa das exéquias, são menos necessárias à tranquilidade dos mortos, do que ao consolo dos vivos”. Santo agostinho citado por Montaigne, (1984, p.15).

De qualquer modo se a morte pode ser uma ameaça à lembrança, uma forma de esquecimento, o culto aos mortos talvez seja como uma espécie de resistência ao aniquilamento dessa lembrança, a uma luta contra o esquecimento.

[...] Além disso, ficava espantado com a importância, para a sensibilidade contemporânea [...] da visita ao cemitério, da devoção aos mortos e da veneração aos túmulos, impressionava-me, a cada mês de novembro, com as correntes migratórias que levavam aos cemitérios, tanto na cidade como Campo, multidões de peregrinos. (Ariès, 2012, p. 19).

Percebemos assim certa rebeldia, uma não conformação com a separação causada pela morte, pois ela provoca dor, desespero pela perda, a dificuldade em aceitar a morte do outro, culminou no exagero as demonstrações de dor, a ida as igrejas ficaram em segundo plano, aumentando o número de visitação nos cemitérios, onde adotou-se o hábito de colocar flores nos túmulos como forma de homenagem.

3.4- Mudanças de atitude diante da morte no ocidente

Em meados do século XX, vai se convergindo outra grande ruptura: a recusa da morte, uma revolução feroz nos costumes e nos sentimentos tradicionais gerou um grande impacto. Embora ocorridas de forma quase imperceptíveis, essas mudanças foram tão grandes que deixou a sociedade ocidental espantada, a morte tão familiar no passado, tão presente, tornar-se-á maldita, objeto de vergonha e de interdição: “sem dúvida, encontramos na origem,

um sentimento já expresso na segunda metade do século XIX: aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade do seu estado, falta à coragem de lhes dizer a verdade cruel. (ARIÈS, 2012, p.85)

Durante o processo civilizador, a morte é cada vez mais isolada, colocada nos porões da vida social e os moribundos, conseqüentemente, também sofrem esse recolhimento por vezes involuntário:

A atitude em relação à morte e a imagem da morte em nossas sociedades não podem ser completamente entendidas sem referência a essa segurança relativa e à previsibilidade da vida individual — e à expectativa de vida correspondentemente maior. A vida é mais longa, a morte é adiada. O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. Ficou mais fácil esquecer a morte no curso normal da vida. Diz-se às vezes que a morte é “recalcada”. Um fabricante de caixões norte-americano observou recentemente: “A atitude atual em relação à morte deixa o planejamento do funeral, se tanto, para muito tarde na vida.” (ELIAS, 1985, p.10)

A morte se torna assim adiada, vive-se mais com a tecnologia, com o avanço das ciências, mas por outro lado cria-se uma distância cada vez maior em relação à morte e aos moribundos, isto porque “[...] nossa incapacidade de dar aos moribundos ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte”. (ELIAS, 1985, p.11).

A morte sofre assim uma espécie deslocamento, o lugar da morte primária foi mudado, já não se morre mais em casa, junto dos seus, mas em hospitais, cercados na maioria das vezes por desconhecidos, quando muito um enfermeiro, mas é uma morte solitária, morre-se sozinho, sem despedidas acaloradas, quando possível: “Morre-se no hospital porque os médicos não conseguiram curar. Vamos ao hospital não mais para sermos curados, mais precisamente para morrer.” (ARIÈS, 2012, p.86). De acordo com (Elias, 1985,) esse tipo de atitude demonstra que nas sociedades adiantadas a morte foi estigmatizada, virou um tabu, não se fala na morte, procura-se se distanciar o máximo dos doentes, isso porque o fato de estar doente faz lembrar a nós mesmos que somos mortais, o que fere diretamente nossa crença na imortalidade. A morte no hospital não é mais ritualística como acontecia antigamente, em que o doente era assistido por seus parentes e amigos e também crianças, hoje, ao contrário do que acontecia antigamente criou-se um distanciamento para se falar da morte, sobretudo para as crianças.

Das sociedades selvagens às modernas, a evolução é irreversível: pouco a pouco, os mortos deixam de existir. Eles são rejeitados, jogados para fora da circulação simbólica do grupo. Não são seres integrais, parceiros dignos da troca e fazemos que se deem conta disso ao proscrevê-lo para cada vez mais longe do grupo dos vivos [...], rejeitados para cada vez mais longe do centro, à periferia, para lugar nenhum enfim, como nas cidades novas ou nas metrópoles contemporâneas, nas quais nada mais se

prevê para os mortos, nem no espaço físico nem no mental. (BAUDRILLARD, 1996, p.173).

E assim o espaço dedicado aos mortos vai cada vez mais se estreitando, a ponto de praticamente deixar de existir, até mesmo no espaço mental, aliás, “[...] hoje não é normal estar morto, e isso é novo. Estar morto é uma anomalia inconcebível, todas as outras são inofensivas diante desta, a morte é uma delinquência, um desvio incurável. (BAUDRILLARD, 1996, p.173).

Há ainda um agravante para o pensamento da morte na atualidade: a necessidade de felicidade, evitando assim qualquer aborrecimento. Parece haver um dever moral em ser feliz, cuja inadequação implica ficar fora dos paradigmas; não há lugar para dor, para a tristeza, aliás, demonstrações de tristeza são mal vistas, há um repúdio quase que generalizado para o que causa dor.

Talvez por isso a depressão esteja aumentando em proporções esmagadoras, muitas pessoas fingem ser felizes para esconder a tristeza que sentem, pois demonstrar o que realmente são, seria visto como uma fraqueza, desde que ela (morte) foi expulsa para além dos extramuros criou-se um tabu, diante disso será que seria possível naturalizar a morte? Traze-la mais perto do cotidiano? São questões que não são fáceis de responder, porem vivemos um dia a menos todos os dias.

4 O CEMITÉRIO DO GAVIÃO COMO ATRATIVO HISTÓRICO CULTURAL: UMA RELEITURA DA PAISAGEM

Cemitério
 Este pó fora damas, cavalheiros,
 Rapazes e meninas;
 Foi riso, foi espírito e suspiro,
 Vestidos, tranças finas.
 Este lugar foram jardins que abelhas
 E flores alegraram.
 Findo o verão, findava o seu destino...
 E como estes, passaram.
 (Emily Dickinson)

Mudanças geralmente ocorrem de forma lenta e, com relação à morte e aos sepultamentos não foi diferente. Se, na Idade Média, os mortos eram entregues à igreja e não se tinha um interesse maior em saber o local exato da sepultura, nem mesmo por uma inscrição, no final do século XVIII, observa-se uma alteração nesse comportamento:

O acúmulo local dos mortos nas igrejas, ou nos pátios das mesmas, tornou-se intolerável, ao menos para os espíritos” esclarecidos” da década de 1760. Aquilo que durava há quase um milênio sem provocar reserva alguma já não era suportado e se tornava objeto de críticas veementes. [...] por um lado, a saúde pública estava comprometida pelas emanções pestilentas [...] por outro o chão das igrejas, a terra saturada de cadáveres dos cemitérios, a exibição dos ossários violavam permanentemente a dignidade dos mortos. (ARIÈS, 2012, p.76)

Diante desses acontecimentos foi necessário tomar uma medida enérgica, pois o acúmulo de corpos saturados comprometia a saúde pública, além do que a dignidade dos mortos, por causa da exposição, estava afetada. Os cristãos eram enterrados nos campos santos esperando a ressurreição. Os cemitérios atuais são parecidos com aqueles da Idade Média, mas havia diferenciação: os mais abastados eram enterrados perto dos altares, mais perto de Deus, os mais pobres ficavam mais distantes, do lado de fora, nos pátios das igrejas. (REZENDE, 2007, p.12).

Levados para fora dos jardins e de dentro das igrejas, os mortos passaram a ser velados e sepultados junto dos familiares. Outra questão de suma importância para essa mudança diz respeito a regras de higienização, os médicos, através de critérios rigorosos, alertavam sobre a enorme quantidade de cadáveres convivendo com os vivos, o que poderia causar doenças, pois os corpos em decomposição soltavam vapores, gases, assim os higienistas passaram a chamar a atenção para coibir esta prática.

Os mortos tornavam-se indesejados, significando, portanto, perigo e ameaça aos vivos. Era necessário criar espaços diferenciados para os enterramentos, assim criaram-se os

cemitérios. “A palavra cemitério tem origem do grego *Koumetérion*, que se referia ao local onde se dormia. [...] apropriação do termo pela Igreja Católica (descanse em paz) onde o descanso do senhor morto foi feito na “mansão dos mortos”, usando a palavra do latim *coemiterium*. (REZENDE, 2007, p.12).

Figura 10 – Fachada principal da Capela de São José, Cemitério do Gavião.



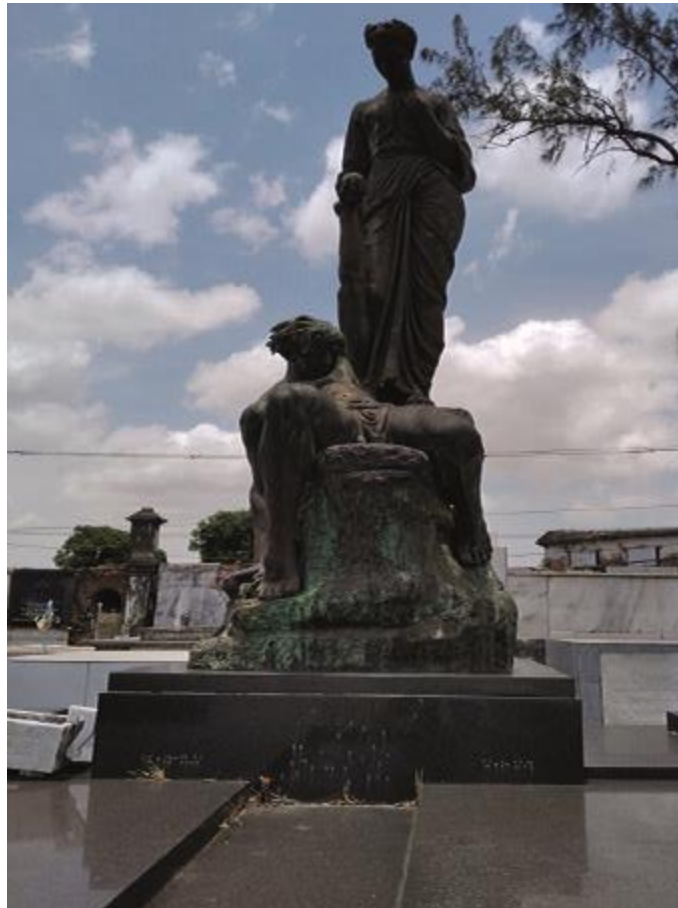
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com LIMA (2007), o cemitério do Gavião foi inaugurado em 1855, depois de um surto de varíola que atingiu a cidade, antes, porém, houve outros, como o Cemitério Velho da Misericórdia, considerado o primeiro¹⁶ cemitério de São Luís, localizado nos fundos da igreja da Misericórdia, no largo do Palácio, atual Praça Pedro II. Cemitérios, na maioria de sua formação, se constituem em um amplo campo de investigação e pesquisa, conseguindo abranger múltiplas áreas do conhecimento, como a Arquitetura, as Artes Plásticas, a Sociologia, a Antropologia Social e por que não o Turismo? A prática do turismo em cemitérios ou como escolhemos chamar, o thanaturismo, já é uma realidade na Europa e América do Norte, sendo ainda pouco difundido no Brasil, fato que aos poucos vai se alterando, tendo, assim, uma abertura maior para a visita em cemitérios. Há alguns roteiros estabilizados em São Paulo no cemitério da Consolação e no Rio de Janeiro, no cemitério de

¹⁶ Disponível em: <<http://joaopecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-um-museu-ceu-aberto-i-parte.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

São João Batista, por exemplo. Nesses locais busca-se a apreciação da arte cemiterial, já que contém trabalhos de escultores consagrados, além de ilustres conhecidos ali sepultados.

Figura 11 – Jazigo de Saturnino Belo – Satú-Belo, político e comerciante.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao se pensar num cemitério como atrativo histórico cultural de uma localidade, poderá causar certa estranheza, visto que para muitos um cemitério não traz nada de agradável, lugar de dor, sofrimento e saudade, que jamais poderá ser mitigada, enfim um local que não traz uma impressão afável. Mas em um cemitério podem ser observados outros aspectos preponderantes como o Patrimônio artístico e arquitetônico, além das personalidades conhecidas e mesmo anônimas que ajudaram a construir a memória do lugar. Repleto de símbolos, os cemitérios trazem significados ocultos para um olhar não apurado. Como discorre Tuan (2012, p.35):

Os mitos e as figuras geométricas de poder simbólicas também podem ser interpretados como esforços do homem para resolver as contradições que encontra na vida. Na experiência, entre os pares antinômicos, o mais fundamental e doloroso é o da vida e da morte. Os mitos surgem como tentativas para resolver o dilema. Por exemplo, no mito é possível imaginar um estado no qual a pessoa está morta e ainda vive. Os mitos, lendas e contos folclóricos das mais diferentes partes do mundo têm sido interpretados como tentativas diversas para tornar a morte mais inteligível e aceitável.

Desse modo os cemitérios como lugar de símbolos e, portanto, prenhe de mitos, personificam em suas construções essas tentativas de tornar agradável ou pelo menos mais tolerável aquilo que é imutável e inerente ao homem, no caso a morte.

A construção dos cemitérios na contemporaneidade é semelhante aos que eram controlados pela Igreja Católica na Idade Média, tendo como fundamento também a desigualdade social. Antes, porém, da criação dos cemitérios, os mortos eram enterrados nas igrejas onde também ficava latente a distância social de um morto para outro. Nos lugares principais, de destaque, “mais perto de Deus”, ficavam sepultados o clero, a nobreza, bispos ou a alta burguesia; do lado de fora, nos adros, a pequena burguesia e, próximo aos muros, negros libertos ou pessoas livres, pobres ou com poucos rendimentos; muitos pobres e escravos foram enterrados nas estradas, na beira do caminho.

Sendo o cemitério do Gavião o mais antigo¹⁷ da cidade na contemporaneidade as sepulturas ali existentes nos contam um pouco da história de São Luís, as pessoas que estão ali sepultadas, trazem em seus jazigos, não apenas marcas pessoais, mas todo um modo de ser de uma época. Podemos encontrar símbolos que representam o culto a morte, tais como: as esculturas feitas em bronze, mármore, pedra, que representam a relação da sociedade com a morte.

Quem adentra o Cemitério do Gavião, pode observar duas placas que nos faz lembrara finitude humana: “Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos” e “Nós fomos o que tu és e tu serás o que nós somos”. De acordo com João Dias Rezende Filho¹⁸, origina-se da versão portuguesa para o antigo provérbio latino *memento moris*, “lembra-te que morrerás”, fazendo eco nas Escrituras judaicas traduzidas na Vulgata de Jerônimo como “*Memento quia pulvis es et in pulverem reverteris*” e que faz eco nas Quartas de cinza após o período

¹⁷ Disponível em: <<http://joaopecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-um-museu-ceu-aberto-i-parte.html>>. Acesso em: 10 out. 2020.

¹⁸ Disponível em: <<http://joaopecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-um-museu-ceu-aberto-i-parte.html>>. Acesso em: 10 out. 2020.

carnavalesco. No alto do portão de entrada, eleva-se um crânio com dois fêmures cruzados, um dos mais antigos símbolos da morte.

Os cemitérios carregam valores associados aos bens materiais e imateriais, o patrimônio que contém o valor histórico e artístico, as lápides que são como documentos históricos, o culto, as crenças em relação aos mortos, tudo isto faz parte do patrimônio material e imaterial, o que reforça o sentido de pertencimento e de respeito aos que se foram; hábito que faz parte da cultura humana desde tempos imemoriais.

A visitação em cemitérios traz um sentido mais profundo que vai além do material, transcende o espaço físico, adentrando no mais íntimo do ser, como se o material fosse representado naquilo que é concreto. Como comenta (ELIADE, 1992, p.34)

A arquitetura sacra não faz mais, portanto do que retomar e desenvolver o simbolismo cosmológico já presente na estrutura das habitações primitivas. A habitação humana, por sua vez, fora precedida cronologicamente pelo lugar santo provisório, pelo espaço provisoriamente consagrado e cosmizado [...] isso é o mesmo que dizer que todos os símbolos e rituais concernentes aos templos, às cidades e às casas derivam, em última instância, da experiência primária do espaço sagrado.

Desse modo, o cemitério como campo desses rituais, dessas manifestações, conta em seu espaço toda uma simbologia repleta de significados, que faz parte da história de cada família, dos tipos de sepultura, dos ritos, de cada vela acesa, cada flor depositada, das orações dedicadas aos mortos, das diversas demonstrações de afeto e fé.

Além de tudo isso, adentrar num cemitério provoca uma reflexão a respeito da vida e da morte, como um convite à meditação sobre a finitude do homem; esse destino implacável do qual ninguém poderá fugir, mas que pode ser atenuado por pensamentos positivos de esperança numa continuidade que ultrapassa os limites estabelecidos pela concretude.

4.1 Cemitério: paisagem topofilica ou topofóbica?

Lugares como cemitérios comumente causam sensações desagradáveis ao se adentrar em sua paisagem, no seu espaço, isto porque quase sempre se tem uma percepção negativa de lugares assim, pois, para muitos, podem trazer à tona sentimentos de medo, tristeza e desesperança em relação à vida, o que pode contribuir para que locais como o cemitério, por exemplo, sejam vistos apenas para a finalidade a que são propostos. No entanto as paisagens vão além de uma finalidade meramente específica como expõe Dardel (2015, p.31):

A paisagem se unifica em torno de uma totalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão

a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: A Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (2015, p.31, grifo do autor)

Essa relação que afeta a carne e o sangue como menciona o autor está presente em cada um de nós, sendo mesmo inerente ao ser humano, que não pode fugir de suas ligações afetivas, dos seus sentimentos, sejam estes positivos ou negativos. Segundo Collor (1986 apud OLIVEIRA, 2017, p.166): “Não se pode falar de paisagem a não ser a partir de sua percepção [...] o sujeito não se limita a receber [...] os dados sensoriais, mas os organiza para dar um sentido [...] a paisagem percebida é também construída e simbólica.” Desse modo a maneira de perceber o lugar vai depender de cada um, como atesta (TUAN, 2012): Como as pessoas reagem a um determinado ambiente difere de acordo com a percepção que cada um tem do lugar, da paisagem; ambas não veem a mesma realidade, assim como os grupos sociais que avaliam o ambiente de modo diversificado essa diferença nem sempre acontece de forma harmônica, contudo sempre é possível porque, “Com boa vontade a pessoa poderá entrar no mundo de outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura”. (TUAN, 2012, p.21). Assim, com empatia e boa vontade é perfeitamente possível uma convivência respeitosa, mesmo com opiniões e modo de ver divergentes. Num cemitério podem ser vislumbradas paisagens tanto topofilica, quanto topofóbica, sendo o segundo mais comum.

Figura 12 – Visitantes no dia de Finados no Cemitério do Gavião.



Fonte: Elaborado pela autora.

No entanto também é possível que o sentimento topofilico seja mais duradouro por este local, visto que: “A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou o imaginário, que o espaço abre além do olhar”. (2015, p. 31).

Ver além do olhar é o intuito de considerar o cemitério do Gavião como atrativo histórico cultural de São Luís onde se podem perscrutar outras paisagens, através de novas releituras. Cemitérios comumente são tidos como paisagens de medo, lugar que traz sentimento de tristeza e desesperança para muitos, afinal ele representa a última etapa da vida, da qual ninguém escapará, contudo, em um cemitério, também se encontra beleza, representada em sua história; na arte ali exposta, em sua geografia. O cemitério pode então ser compreendido como espaço topofilico no termo que é proposto por Tuan (2013): uma ligação afetiva existente entre a pessoa e o lugar, gerando uma aproximação com os mortos sendo que este contato se estabelece, sobretudo no dia de finados em que os entes queridos são homenageados, com ações que se estendem ao longo de todo o Campo santo, depositam-se flores, fazem-se orações, acendem-se velas, colocam-se copos com água, cantam e choram junto aos túmulos, talvez numa ideia simbólica de que estão mais perto daqueles que se foram. Essas ações se transformam numa comunhão de sentimentos que trazem àquele espaço um sentido topofilico, embora essa experiência vivida seja pessoal, pois cada um a sente de acordo com sua percepção, ainda assim isto não impede que ela também se estenda a uma coletividade.

4.2 Quando o cemitério se torna lugar?

Além de guardar os mortos no sentido estrito da palavra, a função social dos cemitérios também é a de salvaguardar a memória dos falecidos, dos perigos, das profanações, distante de um ambiente degradado, sendo, portanto, considerado um lugar sagrado, criado para manter a pureza e a inocência necessárias aos mortos.

Devido à diversidade de lugares, alguns podem ser rejeitados por causa da sensação que causam em muitas pessoas, como é, por exemplo, o caso do cemitério. Geralmente as manifestações de sentimento em relação a esse lugar são negativas, mas seria possível um local assim se tornar um “lugar”? Na Geografia Humanista, a categoria lugar ganha novas dimensões, não sendo apenas um referencial concreto, mas uma construção a partir da experiência e dos sentidos que envolvem sentimentos afetivos.

Para que essa afetividade aconteça, é preciso vivenciar este local de outra forma, experienciando sentimentos agradáveis, positivos, para que isto se torne um elo e,

consequentemente, se transforme em um lugar, ou seja, há algumas condições necessárias para um sentido elementar de lugar. Como comenta TUAN (2012, p.169) “ [...] a pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor. nem todos os grupos humanos têm noção sobre a vida do além ou concebem um lugar- um Eliseu para onde vão os espíritos favorecidos. Sendo uma crença ou apenas um modo de fazer o ritual de enterramento dos mortos e as práticas simbólicas, atesta ELIAS (1985, p.10) que:

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais — como indivíduos e como grupos — para proteger-se contra a ameaça da aniquilação.

Se o homem vive em constante ameaça de aniquilação, pois é o único que tem consciência de sua finitude, também já traz em si uma linguagem diferenciada: “Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa”. (TUAN, 2012, p. 31) Como consequência também se criou um ambiente artificial, fruto da imaginação recorrente aos mitos, fábulas, etc. Esses ambientes artificiais por si só não garantem que locais assim se transformem em “lugar”. Para que isso aconteça, é necessária uma interação mais profunda entre o indivíduo e a localidade, de modo a ser ter uma experiência claramente vivida.

O cemitério também pode ser considerado uma segunda morada ou a morada eterna, onde se pode pensar num túmulo como uma casa, nos elementos arquitetônicos de representação dispostos em seu espaço, de modo concreto ou idealizado. Como discorre Bachelard (2008, p.19): “Ao seu valor de proteção que pode ser positivo, ligam-se também valores imaginados, e que logo se tornam dominantes. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração [...]. É um espaço vivido”, que traz aos seus frequentadores, variadas formas de representação.

E num lugar como um cemitério, considerado por muitos como um museu a céu aberto, há variadas formas de interpretação, naquele espaço pode ser percebido inúmeros detalhes que talvez por hábito, medo, ou mesmo ainda um pré-conceito não se tenha dado atenção suficiente. É preciso apurar o olhar para a beleza ali existente, na arte, nos ritos, nas demonstrações de afeto, na fé, e sobretudo na experiência diferenciada que esta “nova” interpretação traria.

Figura 13 – Vista do Cemitério do Gavião.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Tuan (2012, p.22), “[...] dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo”. Deste modo a visão corresponde à maior parte da percepção que o homem tem da paisagem, do lugar, podendo ser agradável ou não. Contudo a visão não é o único requisito, é preciso que todos os órgãos dos sentidos trabalhem em conjunto para uma maior interação de viver o espaço, o lugar. Dentre as diversas condições necessárias para que um cemitério se transforme em “Lugar”, está o fato de ser considerada uma pausa no movimento, permitindo, assim, que se torne um centro de valor reconhecido.

4.3- Memória e Thanaturismo: o lugar de pertencimento

O fato de esses lugares abrigarem celebridades atrai grande contingente de pessoas, mas não só por isso, há quem aprecie a arte cemiterial exposta nos túmulos, mausoléus, símbolos, esculturas de artistas consagrados, enfim muito pode ser descoberto ao se visitar cemitérios, a memória do lugar e toda a mentalidade de uma época em relação à morte e seus cuidados podem ser verificados ali, e sendo, portanto, seus construtores.

Figura 14 – Túmulo de Aluísio Azevedo ¹⁹



Fonte: Elaborado pela autora.

“A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 2003, p.419). Desse modo ao se guardar as informações, elas perpetuam-se na memória.

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913.

Como Quase todos os jornais da época tinham folhetins, Aluísio passou a publicar seus romances em um deles. Se tornando cônsul de 1ª classe em 1910, teve em Buenos Aires seu último posto. Faleceu nesta cidade aos 56 anos e sendo lá enterrado, somente depois, de seis anos, por iniciativa de Coelho Neto, sua urna funerária foi transladada para São Luís, onde o escritor foi sepultado.

¹⁹ - Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. Escreveu romances de destaques como: O mulato, O cortiço, uma lagrima de mulher, casa de pensão etc. Aluísio Azevedo é considerado o pai do naturalismo no Brasil.

Figura 15 – Sousândrade: poeta e idealizador da bandeira do Maranhão.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sousândrade, poeta, autor de o “Guesa errante”, poema considerado avançado para época devido a sua estrutura, além dele destacam-se outras personalidades que estão no Cemitério do Gavião, e que marcaram a história da cidade, ainda que de forma negativa, está à sepultura de D. Ana Rosa Viana Ribeiro- mais conhecida como a Baronesa de Grajaú²⁰, levada a júri popular pelo promotor Celso Magalhães sob a acusação de assassinato de dois escravinhos; fato que foi literariamente narrado por Josué Montello em *Os tambores de São Luís* (1975). O marido e o sogro também estão na mesma sepultura.

Celso Magalhaes era um jovem de 26 anos, poeta abolicionista, jornalista e precursor de estudos de folclores no Brasil, não hesitou em pedir a pena de galés perpétuas para a ré, mas D. Ana Rosa foi absolvida. Ao ir de encontro contra a sociedade preconceituosa daquele tempo, conseguiu inimigos, mas também ficou marcado no imaginário popular, tanto que a rosa vermelha que sempre era vista no seu paletó por muito tempo foi chamada de flor do Celso pela população de São Luís.

²⁰ - Moraes, Jomar-1940- Guia de São Luís do Maranhão/Jomar Moraes, -2. Ed. São Luís: Legenda, 1995.

Figura 16 – Túmulo da Baronesa de Grajaú.



Fonte: Elaborado pela autora.

Além do cemitério, outro lugar que pode ser considerado “lugar de memória” são as igrejas, visto que, quando não havia ainda o cemitério, os corpos eram lá sepultados (*ad santus*). Desse modo muitas delas aqui em São Luís ainda guardam os restos mortais de personalidades influentes, como o convento de Santo Antônio, onde está sepultada Ana Joaquina Jansen Pereira, mais conhecida como Donana ou Ana Jansen.

Várias igrejas foram destruídas em São Luís, dentre elas existia a igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos²¹, construída por volta de 1760, no local em que hoje está o edifício Caiçara na Rua Grande- (Oswaldo Cruz).

Quem liderava esta igreja era o Vigário Monsenhor- João dos Santos Chaves, que, após sua demolição, faleceu pouco tempo depois com profunda amargura. Esse acontecimento ficou marcado no imaginário popular de tal forma, que o local, ainda vazio após a demolição, trouxe vários peregrinos que levavam flores.

²¹ Moraes, Jomar-1940- Guia de São Luís do Maranhão/Jomar Moraes, -2. Ed. São Luís: Legenda, 1995. Demolição causada por motivos urbanísticos, visto que os Bondes tinham dificuldades em passar por lá.

Figura 17 – Monsenhor João dos Santos Chaves – O padre Chaves.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse sentido percebemos que mesmo com a destruição de um lugar de memória, ainda é possível haver identificação entre as pessoas, pois o sentimento de pertencimento permanece.

os lugares de memória reverenciam a trajetória comunitária e permanecem vivos nas subjetividades e nas práticas cotidianas que se (re) constroem permanentemente, detém ainda um forte sentido ou componente emocional, visto que através deles a comunidade sente-se integrada no meio em que vive. (CARVALHO, 2017, p.125).

Essa integração gera sentimento de pertença aos moradores que, unidos pelo mesmo infortúnio, buscam conforto em prol a mesma causa. Além das figuras conhecidas que estão inumadas no Gavião, há inúmeros estrangeiros que vieram para São Luís construir sua história de vida: portugueses, chineses, japoneses, ingleses e libaneses²², tendo muitas famílias se estabelecendo aqui em São Luís, como os Dualibe, os Mouchrek, os Murad, os Farah, os Damous, os Fiquene, os Mubarak, os Buzar, os Bôeres, os Buhatem, os Safady, os Waquim, os Nagem etc.

²² As finas habilidades nos negócios eram o grande diferencial dos libaneses, que se estabeleceram aqui como comerciantes, deixando sua marca na cidade. Disponível em <: <http://maranhaomaravilha.blogspot.com/2009/11/o-maranhao-dos-libaneses.html>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

Figura 18 – Túmulo da família Nagem.



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim as histórias contadas através de gerações tornam viva a memória que, ao ser atualizada, contribui para o sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo.

Nota-se que a memória é um elo importante na continuidade do passado e projeção para o futuro: “a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”. (HALBWACHS, 1998, p.94).

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. [...] a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (Nora, 1993, p.3)

Se a memória é um fenômeno sempre atual ela está sempre acontecendo, não é algo que seja rígido, está em movimento e dele se alimenta, sendo ao mesmo tempo, plural e individualizada, mantém os grupos coesos para que as lembranças do lugar, das pessoas, das experiências vividas não se percam no esquecimento, é o que traz união numa constante reconstrução do que se viveu.

Figura 19 – Túmulo da família Chung, de ascendência chinesa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 20 – Túmulo da família Tasaka, de origem japonesa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 21 – Epígrafo em Língua Inglesa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os túmulos diferenciados que existem no Gavião, alguns chamam atenção devido a sua arquitetura e mesmo suas inscrições em língua estrangeira, como este em inglês:

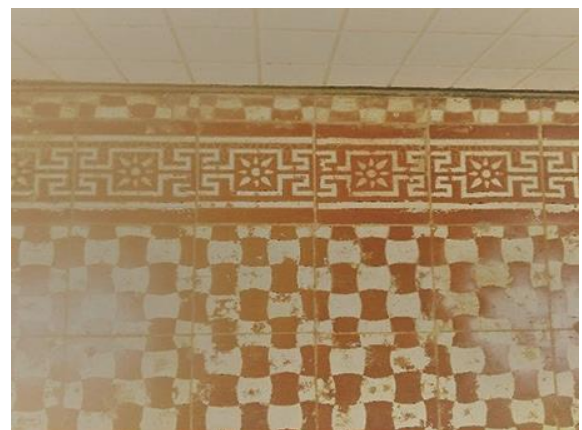
To the Dear Memory of Wilfrid James Hampton only son of James and Maude Hampton, Southfields, London. Born February 17th 1901. Died February 15th 1928. (À memória querida de Wilfrid James, filho único de James e Maude Hampton, Southfield, Londres. Nascido em 17 de fevereiro de 1901 e morto em 15 de fevereiro de 1928. (Grifo nosso) O jovem inglês²³ faleceu aos 27 anos, tendo sido acompanhado de grande cortejo no dia do seu enterro para o cemitério municipal. Esses acontecimentos implicam elementos que ajudam a constituir a memória local. De acordo com Pollak (1992, p.201)

a respeito dos elementos que constituem a memória, individual ou coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

A presença dos ingleses em São Luís do Maranhão foi devida principalmente a companhia de Telégrafos que era comandada pela Ullen Company, responsável pelos bondes e pela iluminação da cidade, isto no início do século XX.

A presença dos ingleses foi muito forte de modo que até um cemitério foi construído somente para eles por volta de 1815, localizado em frente à igreja de São Pantaleão, onde atualmente funciona a escola Sotero dos Reis, esse local é tombado como Patrimônio histórico. Do suntuoso cemitério dos ingleses sobrou pouca coisa, o piso e duas pedras mortuárias em que mal se leem suas iniciais.

Figura 22 – Detalhe do piso antigo cemitério dos ingleses, atual escola Sotero dos Reis.



Fonte: Elaborado pela autora.

²³ Disponível em: <<http://joaopecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-um-museu-ceu-aberto-i-parte.html>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

Outra importante personalidade encontrada no cemitério do Gavião é Elias Mouchreck considerado um dos fundadores do ²⁴Clube de Futebol Maranhense - Moto clube, juntamente com outros amigos sendo criado em 13 de setembro de 1937, por conta do gosto pelo motociclismo.

As cores vermelho e preto foi inspirado no time do Rio de Janeiro, o Flamengo, do qual seu amigo e também fundador era torcedor! além de fundador do clube, foi goleiro também, apreciador de esportes que era, praticou atletismo, futebol, basquete, voleibol e boxe. Nos anos de 1942/43 foi presidente do Moto e depois virou uma espécie de tesoureiro vitalício no clube. Libanês, deixou seu nome marcado na memória da cidade. Um nome sempre lembrado no mundo dos esportes e dos familiares, que o viam como referência familiar.

Figura 23 – Túmulo de Elias Mouchreck fundador do Moto Clube do Maranhão.



Fonte: Elaborado pela autora.

É nesse sentido que o Thanaturismo pode contribuir para uma localidade: na ideia de pertencimento de um grupo, esta seria sua função social para que a comunidade, a memória nas histórias compartilhadas gere conhecimento, mais que isso, colabore para um novo olhar, sobretudo em locais incomuns para se praticar o Turismo. Pollak (1992, p.201) assinala que: “É perfeitamente possível que, por meio da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, é tão forte que podemos falar numa

²⁴ Disponível em : <<http://futebolmaranhenseantigo.blogspot.com/2014/08/joao-elias-mouchrek.html>>
Acesso : 15 de set .2020

memória quase que herdada”. Isto corrobora com o pensamento de Halbwachs (2003) quando revela que: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos”. Como discorre RICOUER (2007, p.57).

E na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico.

E como as lembranças são ligadas fortemente aos lugares, faz com que se transformem em um referencial dos lugares de memória, tão conhecidos por todos, o que a memória guarda torna-se um código para que o conhecimento histórico aconteça. Talvez esse fascínio ou, pelo menos, curiosidade faz compartilhar sentimentos e sensações vividas por uma sociedade presente numa época, num modo de ver, de sentir, de um determinado lugar, gerando uma espécie de comunhão.

As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quando mais bem especializadas. Localizar uma lembrança no tempo não é uma preocupação de biógrafo e quase corresponde exclusivamente a uma espécie de história externa, a uma história para uso externo para comunicar aos outros. (Bachelard, 2008, p.219)

Alguns túmulos guardam simbologias que representam a religião, o contexto histórico, as especificidades locais, etc. Entre os mais comuns estão a ampulheta, a águia, anjos, âncora, cachorro, as mãos que significam união, e entre os povos incas representa a morte. Há também a coluna quebrada que mostra a ruína da civilização e a interrupção da vida de forma prematura (pessoa que morre até os 30 anos) sendo ainda um símbolo de maçonaria. (REZENDE, 2007).

Figura 24 – Mãos unidas no Gavião.



Fonte: Elaborado pela autora.

Outro símbolo bastante encontrado no cemitério é a cruz, símbolo da cristandade, representa sorte e esperança, também representa o sacrifício de Cristo através da crucificação e principalmente a crença na ressurreição, a morte não é o fim para o cristão, há a esperança de renascer novamente e de reencontro na vida eterna.

Figura 25 – Coluna partida e anjo.



Fonte: Elaborado pela autora.

A comunicação acontece mesmo que silenciosamente pois ao visitar um cemitério, a percepção aflora, porque os elementos que o constituem tornam mais vivas as memórias de um passado com muitas histórias que fazem parte de uma localidade e que, por vezes, podem ser esquecidas ou até mesmo desconhecidas pela maioria das pessoas que vivem em um lugar historicamente privilegiado.

o símbolo é rico, eis por que, dizem, não se pode reduzi-lo a um “simples signo” (pode-se hoje duvidar da “simplicidade” do signo): a forma é nele incessantemente transbordada pelo poder e o movimento do conteúdo; é que de fato, para a consciência simbólica, o símbolo é muito menos uma forma (codificada) de comunicação do que um instrumento (afetivo) de participação. (Barthes, 2007 p.40)

Os símbolos de um cemitério estão carregados de sentimentos, pois expressam as diferentes maneiras de como lidar com a morte, demonstram as distintas formas de expressão ao desconhecido, a dor, e buscam transmitir os valores culturais que se reestabelecem assim como uma afirmação ou reafirmação social., além de ser também uma forma de perpetuar a memória dos que lá estão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística revela-se de grande importância nos últimos anos, não somente pelo viés econômico, mas principalmente pelo cultural, visto que pela sua dinamicidade o turismo tem buscado alternativas diferenciadas para sua execução. Nesse sentido o thanaturismo pode vir a ser um diferencial para o fortalecimento da memória local e no significado de pertencimento.

A proposta inicial deste trabalho era a construção de um roteiro (ideia não de toda abandonada pela pesquisadora) que englobasse mais diversidade de locais, ou seja mais lugares com histórico de thanaturismo, locais de crimes, tragédias, entre outros, contudo, verificamos que em relação ao objetivo geral proposto pela pesquisa na introdução deste trabalho, compreendemos que o cemitério por si só, e como lugar de memória por excelência, permite ele mesmo tal representatividade.

Cemitérios também se constituem em fonte de pesquisa tanto pelo seu patrimônio material, quanto imaterial, onde podemos encontrar diversas informações e, sobretudo representações da morte na sociedade da época, expostas em suas sepulturas, esculturas e nas diversas formas simbólicas que traduzem a finitude humana.

A Geografia é de extrema importância na aquisição deste trabalho, visto que a interdisciplinaridade com o Turismo comporta um campo profícuo de conhecimento e aprendizado. E no que tange a Geografia humanista cultural os trabalhos de geógrafos como Yi-Fu-Tuan, Eric Dardel, Edward Relph, com seus estudos ampliados das categorias de lugar, paisagem, topofobia e topofilia, serviram de base para esta pesquisa, contando também com as contribuições valorosas dos geógrafos brasileiros Livia de Oliveira e Werther Holzer. Em relação ao Turismo autores com Mario Petrocchi, Susana Gastal e Liciane Ferreira foram primordiais nessa troca interdisciplinar que busca realçar esta pesquisa.

Outros autores que tiveram um papel fundamental para complementar de modo mais aprofundado a pesquisa tratam de um tema um tanto quanto peculiar, a Morte. Tendo em Philippe Ariès seu maior representante, além de Norbert Elias e Jose Luiz Maranhão, que trouxeram outros modos de ver a um tema que quase sempre gera desconforto. E também autores como Michael Pollock, Maurice Halbwachs e Paul Ricouer fundamentaram a pesquisa relativa à memória e sua influência na busca do pertencimento.

Nesses teóricos estão ajustadas as diretrizes deste trabalho, que pautado na Geografia Humanista Cultural regulada pela Fenomenologia, possui assim uma abordagem que preconiza a compreensão do mundo vivido pelas pessoas, através de suas experiências adquiridas com as paisagens, o lugar, o espaço, mesmo que estas categorias carreguem em sua formação quase sempre um sentido negativo, como é o caso do cemitério.

O cemitério do Gavião é atualmente o mais antigo da cidade, tendo sido construído no século XIX em virtude de uma epidemia que assolou a cidade, sua edificação foi feita nos moldes europeus e resguarda a história social de São Luís.

A coleta de dados oficial ocorreu entre outubro e dezembro de 2019, mas antes já se tinha feito algumas pré- visitas no lugar, afim de conseguir autorização para a pesquisa.

Deste modo por tudo que foi exposto neste trabalho acreditamos que as perguntas norteadoras que o cercavam foram respondidas, a saber: O cemitério se configura numa paisagem topofilica ou topofóbica? Cemitérios geralmente são vistos como lugares de medo e impressões negativas, sendo a de tristeza e a desesperança os mais comuns sentimentos, assim no que tange aos estudos de DARDEL (2015) relativos à paisagem, concluímos que por ela não ser um circuito fechado, mas um desdobramento é perfeitamente possível ver o cemitério do

Gavião além do olhar, ou seja, enxergar que nesses locais poderá ter experiências positivas, ligações afetivas que gerem topofilia.

TUAN (2013) está ligação pode vir da combinação entre curiosidade científica e religião, ou mesmo apreciação da arte, da música, dos passeios, o importante é que se tenham novas releituras, que esse contato seja mais aprofundado entre as pessoas, nesse sentido o cemitério do Gavião tem potencial para se tornar uma paisagem topofilica.

E quanto à categoria de lugar que na Geografia humanista adquire novos contornos, surge a pergunta poderia o cemitério do Gavião se tornar um “lugar”?

O lugar na Geografia Humanista vai além de uma localização concreta no espaço, assim como a paisagem, o lugar possui algumas especificidades para que seja visto como tal. Nessa categoria, os estudos de Yu- Fu- Tuan possuem maior relevância para essa denominação. Ao se pensar no cemitério do Gavião como lugar leva-se em consideração o fato de que ele por si só é lugar de memória por excelência, o que pode contribuir para uma maior interação com o ambiente e fazer com que se transforme em “lugar”. Mas para que isto aconteça é necessária uma afetividade por esse local, afetividade esta que pode ser construída através de um processo envolvendo a cultura, a paisagem, a história, a memória, que tecendo assim relações através da experiência vivida no cemitério do Gavião tornando-se apto para que isto aconteça.

Em relação ao objetivo geral da pesquisa que seria analisar se o Thanaturismo poderá ser praticado em São Luís do Maranhão, e se essa prática terá destaque no sentido de promoção do turismo cultural, da memória e do sentimento de pertencimento do lugar.

Em princípio qualquer localidade que possui um forte apelo cultural, através da sua história, do seu patrimônio, da memória, é passível de possuir roteiros de thanaturismo, pois a morte sendo inerente a todo homem, poderia servir de inspiração a criação ou redescoberta de roteiros para a uma cidade. No entanto o modo de representar a morte varia bastante de uma cultura para outra, e este detalhe pode ser determinante para que o thanaturismo aconteça ou não. Temos exemplos bem distintos de uma localidade para outra; em Paris, por exemplo, o cemitério de *Perè Lachaise* é bastante visitado, o cemitério da *Recoleta* na Argentina também atrai um número significativo de visitantes, não só de turistas, mas a própria população local parece cultuar seus mortos, tendo uma relação muito forte com a morte.

Guardando as devidas proporções de um lugar para outro, não se observa no Brasil esta mesma importância que se dar ao culto a morte em outros países, tanto que a bibliografia para este segmento turístico ainda é incipiente, assim como sua prática.

Contudo também podemos observar que embora não haja uma tradição em visitar cemitérios como forma de lazer, podemos notar que embora timidamente já se pode encontrar

ações voltadas a esse tema, como por exemplo, nos cemitérios da Consolação em São Paulo, o cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, e aqui em São Luís no cemitério do Gavião que esporadicamente recebe alguma atividade de um projeto que existe a mais de dez anos e promove um cemitour.

Apesar de se constatar que não há uma cultura consistente em relação a morte em São Luís, pois parece que a cidade é mais afeita as festas populares como o carnaval e o São João ainda assim, é possível promover a visitação turística no cemitério do Gavião, pois sua memória permanece e faz parte do legado da cidade.

O cemitério é um lugar de memória por excelência onde podemos encontrar a história social de São Luís representada em seus personagens ilustres e anônimos, que ajudaram a transformar o local, num lugar. Nesse contexto (HALBWACHS, 1998) nos diz que a construção da memória nunca é de um indivíduo somente, mas dentro de um contexto nacional, familiar e social, assim acreditamos que a prática do thanaturismo no cemitério do Gavião, pode proporcionar ao indivíduo um sentimento de pertencimento, visto que o seu passado está ali representado.

Ao realizar o trabalho de campo, fotografando as sepulturas, verificamos que muitas delas estão danificadas e constatamos que existia uma disparidade em relação a pré- visitação e a visitação oficial para o recolhimento de dados. Em relação ao Patrimônio material, muito foi perdido, visto que algumas sepulturas estão degradadas e outras em vias de degradação. Ao compararmos as fotos de um período anterior a este, verificamos que alguns adornos de mármore não existiam mais, ou caíram ou foram quebrados, causando um prejuízo inestimável ao patrimônio, visto que a maioria deles são seculares. Desse modo o cemitério do Gavião necessita de uma intervenção urgente para salvaguardar o que resta do seu valioso patrimônio. Sem querer esgotar o tema deste trabalho esperamos que tenha continuidade, visto que é um tema prenhe de possibilidades e, portanto, sempre há o que buscar, o que aprender. Contudo concordamos que o passeio ao cemitério, o cemitour, possui papel fundamental na evocação de pertencimento local e na manutenção do patrimônio tanto material, quanto imaterial.

Concluimos assim que: O cemitério é então um “lugar”, pois proporciona uma pausa no movimento dotando-o de valor. É também uma paisagem topofilica, pois promove o elo afetivo entre as pessoas e o lugar através da concretude da experiência. E por fim proporciona o sentimento de pertencimento visto que guarda a memória da cidade.

Ainda verificamos que o cemitério para comportar uma atividade turística de forma mais confortável necessita de algumas intervenções, para que isto ocorra de maneira mais ordenada possível, seria necessário sinalizador como placas indicativas e interpretativas,

capacitação dos funcionários e melhor cuidado com os bens funerários, que são patrimônios materiais e imateriais.

Embora ainda haja um pensamento preconceituoso em relação ao cemitério ou mesmo um tabu para com a morte, mesmo assim as relações entre vivos e mortos são intrínsecas ,há uma conexão que não pode ser desfeita, afinal ,como diz o dito popular no cemitério: Eu fui o que você é, e você será quem eu sou! nesse sentido de igualdade ,ampliando o olhar para uma outra realidade ,mostra-se que esses aspectos relacionados com a vivencia e experiencia de lugar, demarcam o cemitério e o potencializam o seu significado como um atrativo turístico.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ªed. São Paulo; Martins Fontes, 2007.

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo: **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo; Sumus, 1995. (Coleção Nova Busca em Comunicação, v.47).

ARIÈS, Philippe.**Historia da morte no ocidente:** da Idade Media aos nossos dias/Phillipe Ariès; tradução: Priscila Viana de Siqueira,-[Ed.especial].- Rio de Janeiro: Nova Fronteira,2012.

Auschwitz concentration camp, Poland. Disponível em;<
<https://www.britannica.com/place/Auschwitz>>acesso em 11 de novembro de 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço-** Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes,2008.

BAHAL. Viagens e roteiros turísticos. Curitiba, Protexoto, 2004.

BARBOSA, Maria de Lurdes de Azevedo. **Turismo de Excentricidades**. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis. Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas. Barueri: Manole, 2009

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade** / Roland Barthes; [tradução Leyla Perrone-Moisés], — São Paulo: Perspectiva, 2007. — (Debates; 24 / dirigida por J. Guinsburg)

BARRETO, Margarida. **Cultura e turismo**; discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007. (coleção turismo)

BAUDRILLARD, Jean.-. **A troca simbólica e a morte**. tradução : Maria Stela Gonçalves-Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola- São Paulo, Brasil, 1996.

Berenbaum, Michael. **Auschwitz**: campo de concentração, Polônia. [2020] Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Auschwitz>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BRASIL, Ministério do Turismo & Unicamp. Estudos de Competitividade do Turismo Brasileiro - **O Turismo Cultural no Brasil**. Brasil: Ministério do Turismo, 2006.

CAPELA dos ossos de Évora. **Dicas de Lisboa**, 2015. Disponível em: <<https://dicasdelisboa.com.br/2015/11/capela-dos-ossos-de-%20%20evora.html>>. Acesso em 15 maio 2020.

Capela dos Ossos de Évora. Dicas de Lisboa. Disponível em <https://dicasdelisboa.com.br/2015/11/capela-dos-ossos-de-evora.html> acesso 10 de janeiro, 2020.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de Memória, Patrimônio cultural e turismo: usos, significados e relações no bairro da Praia Grande (São Luís, Maranhão.). in: BELFORT, Conceição; GUEDES, Dellene Kláutenys; CUTRIM, Rosélis Barbosa Câmara . (Organizadores). - **Espaço, turismo e cultura**. - São Luís: Edu fma, 2017.

CASSIRER, Ernst, 1874-1945. A filosofia das formas simbólicas: terceira parte: fenomenologia do conhecimento / Ernst Cassirer; revisão técnica e da tradução Flávio Benno Wiebeneichler; tradução Eurides Avance de Souza. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2011.

CASTRO, Elisiana Trilha. (2008) Cemitérios, nosso patrimônio nacional: ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 4., Goiânia p. 1-9.

CASTRO, Nair A. Ribeiro de. **O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa**. 2006. 300 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cemitério da Consolação. Disponível em <<https://www.cemiteriosemsaopaulo.com.br/cemiterio/sao-paulo-capital/zona-oeste/cemiterio-da-consolacao/>> acesso em 02 de novembro, 2019.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: **O Estado da Arte**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 1999 a. p.5997.

COOPER, Chris, 1952- Turismo contemporâneo/ Chis Cooper, Michael Hall, Luiz Gonzaga Godoi Trigo.- Rio de Janeiro; Elsevier, 2011. (Coleção Eduardo Sanovicz de Turismo)

CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira.; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e Silva. **Turismo e geografia**: abordagens críticas. Fortaleza: Ed. UECE, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 2018.

- CRUZ, R. C. A. (2003). **Introdução a Geografia do turismo**. São Paulo: Rocca.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da, 1946- **Espaço real, espaço imaginário: a estética de Jung**/ Maria Helena Lisboa Cunha.- Ed.- Rio de Janeiro; UAPÊ, 1998.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra** : natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DE FRANCO, Clarissa. **A cara da Morte**: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo. (Dissertação de mestrado em Ciência da religião)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.210.2008.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: futura.
- ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)
- ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos**. Tradução : Plínio Dentzien. Editora Zahar. 1985.
- ERICH, Fromm. **Anatomia da destrutividade humana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- FAMOSOS sepultados na região do Morumbi. **Funerária Morumbi**, 2020. Disponível em: <<https://www.funerariamorumbi.com.br/famosos-sepultados-na-regiao-do-morumbi/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- FERREIRA, Liciane Rosseto. Turismo de *fait divers*: morbidez ou nekrophilia?. In: Netto, Alexandre Panosso; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Ed.). **Segmentação do Mercado turístico**: estudos produtos e perspectivas. Barueri: Manole. P. 1-2.
- GALVÃO, Filho, Carlos Eduardo Pontes. **Por abismos- casas-mundos-: ensaio de geosofia fenomenológica**/ Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho. Londrina: Eduel ,2019.
- GASTAL, Suzana. **Turismo : investigação crítica**. in: Turismo : investigação crítica/ Organizador Susana Gastal, Mario Carlos Beni, Antônio Carlos Giovanni. São Paulo: Contexto, 2002- (coleção turismo Contexto)
- Geografia [recurso eletrônico] / Raul Borges Guimarães, Antonio Cezar Leal, Klaus Schlünzen Junior [e] Elisa Tomoe Moriya Schlünzen (Coordenadores). – São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista : Núcleo de Ensino à Distância, [2013]. – (Coleção Temas de Formação; v. 2)
- GURGEL, Ayala. Capitalismo agora e até na hora da nossa morte. **Carta Capital**. 03 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/capitalismo-agora-e-ate-na-hora-da-nossa-morte/>> acesso 04 de novembro de 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução; Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HESÍODO. **A origem dos deuses**. Estudo e tradução: Jaa Torrano. 3 edição. Editora Iluminura -São Paulo- SP,1995.

HOLZER, Werther. **Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Editora; Eduel. 2016.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente *- **Revista Território**, ano li, nº 3, jul./dez. 1997.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques, 1924- **História e memória** /Jacques Le Goff;tradução – Bernado Leita [et al.] – 5ª Ed.- Campinas,SP: Editora da Unicamp,2003.

LIMA, Carlos de. **Caminhos de São Luís**: (ruas,logradouros e prédios históricos).2.ed.São Luís: Vozes,2007.

MARANHÃO, Jose Luiz de Souza. **O que é a morte**. Editora brasiliense S.A. São Paulo- SP.

MERLEAU-Ponty, Maurice, 1908-1961.**Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty ; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999. - (Tópicos)

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**/Marutschka Martini Moesch- São Paulo: Contexto,2000.

MONTAIGNE, Mychel, Eyquem de, 1533-1592 Ensaaios. Michel de Montaigne: Tradução de Sergio Milliet. – 3, Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984 – (Os pensadores)

MORAES, Jomar. Guia de São Luis do Maranhão.2. Ed.São Luis: Legenda,1995.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX; NEUROSE**. 9. ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2009. (O espírito do tempo, v. 1).

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**/Edgar Morin- tradução de: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Doria-ed.revista e modificada pelo autor- 10 ed- Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

Museu em Belfast relembra o naufrágio do Titanic. Blog de viagem e turismo. Disponível em <https://blog.mundi.com.br/2012/04/12/museu-em-belfast-relembra-naufragio-titanic/> acesso em 11 de novembro, 2019.

MUSEU em Belfast relembra o naufrágio do Titanic. **Mundi Blog**, 2011. Disponível em: <<https://blog.mundi.com.br/2012/04/12/museu-em-belfast-relembra-naufragio-titanic/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

Na carona da Ale-Visita à Casa de Anne Frank e passeio pelo bairro Jordan.01/07. Disponível em < <https://nacaronadaale.com.br/visita-a-casa-de-anne-frank-e-passeio-pelo-bairro-jordan/>> acesso em 05 de novembro, 2019.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História, São Paulo, n10, dez 1993, p.7-28;

NOVAES, Sylvia Caiuby. Tranças, cabaças e couros no funeral Bororo. In:MARTINS, Jose de Souza. **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Ed. HUCITEC,1983. p. 304 a 305.

OLIVEIRA, Livia de.**Percepção do meio ambiente e geografia** : estudos humanistas do espaço,da paisagem e do lugar/Livia de Oliveira: organizado por

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. [S.I]: Brasiliense, 1994.

PANOSSO Alexandre Netto. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

POLLOCK, Michael. **Estudos históricos** – Rio de Janeiro- 1992, p.212.

PREZZI, Andréia de Sousa- **TURISMO SOMBRIO; UMA VIAGEM EM BUSCA DO INSÓLITO**. Trabalho de conclusão de Curso- (Graduação em Turismo) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro,2009.

PROENÇA, Graça. - **A história da arte**. 2010-editora ática S.A- São Paulo.

REJOWSKI,Mirian(Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo:Aleph,2002.

RELPH, Edward- Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar; In- **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia/ [organização de Eduardo Marandola Jr, Werther Holzer, Livia de Oliveira,-São Paulo: Perspectiva,2012.

REZENDE João Dias Filho. **Cemitério museu a céu aberto?**.Blogue do padre: João Dias Rezende Filho. 31 de março de 2012. Disponível em <<http://jaoapecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-museu-ceu-aberto.html>>acesso em 02 de novembro, 2019.

REZENDE João Dias Filho. **Cemitério museu a céu aberto?**.Blogue do padre: João Dias Rezende Filho. 31 de março de 2012. Disponível em<<http://jaoapecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-museu-ceu-aberto.html>>acesso em 02 de novembro, 2019.

REZENDE,Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios**/Eduardo Coelho Morgado Rezende. São Paulo: Editora Necropólis,2007.

RICOUER,Paul.1913. **A memória, a historia e o esquecimento**/ Paul Ricouer- tradução: Alain François [et al] .Campinas,SP:Editora da Unicamp,2007.

RINCÓN, Maria Luciana. Descubra o que são os símbolos que compõem o altar día de los muertos. **Megacurioso**, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/dia-das-maes/85633-descubra-o-que-sao-os-simbolos-que-compoem-o-altar-do-dia-de-los-muertos.htm>>. Acesso em 15 nov. 2020.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Aforamento, 2010.

SERPA, Ângelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**; geografia e fenomenologia/Angelo Serpa. - São Paulo:Contexto,2019.

SIMÃO, M. C. R. (2006), **Preservação do Patrimônio** Cultural em Cidades, Editora Autêntica, Belo Horizonte.

The BritishMuseum. Disponível em :< <https://www.britishmuseum.org/>>acesso em 10 de janeiro,2020.

TUAN, Yi-fu., 1930- **Espaço e lugar: a perspectiva da experiencia/Yi-FuTuan**; tradução: Livia de Oliveira. - Londrina:Eduel, 2013.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 2015.

VIDAL, Lux. A morte entre os índios Kaiyapó. In:MARTINS, Jose de Souza. **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Ed. HUCITEC,1983. p. 315 a 319.

VISITA à Casa de Anne Frank pelo Bairro Jordan. **Na Carona da Ale**, 2018. Disponível em: <<https://nacionadaale.com.br/visita-a-casa-de-anne-frank-e-passeio-pelo-bairro-jordan/>>. Acesso em 15 nov. 2020.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista com Antônio Noberto, Idealizador e executor do projeto CEMITOUR- Passeio ao Gavião.

1 Como se iniciou o projeto do Cemitour? De onde surgiu a ideia de implantá-lo aqui em São Luís do Maranhão?

O Passeio no gavião veio a partir de uma pesquisa no final da década de 90, assim que entrou na Ufma, pro início dos anos 2000, e o passeio foi materializado em 2004 pra 2005 quando foi feito o primeiro passeio, musicado desde então com parceria da escola de música Lilah Lisboa, Ivan Soeiro, Zezé Alves, Manoel Mota, todos eles professores da escola de música, chegando mesmo a ter um calendário e partir dali foram feitos vários passeios desde então.

2 Como é feito o passeio, a escolha do roteiro a conhecer?

Primeiro acontece uma preleção em frente a capela, de lá saímos caminhando na direção do túmulo de Benedito Leite, logo e seguida vamos para sepultura de Aluizio Azevedo, lá se fala sobre o Cortiço, o Mulato, Casa de Pensão, uma lágrima de mulher e no intervalo de um tumulto para outro os músicos tocam e seguimos num cortejo, depois visitamos o gênio da Alegria Joaozinho trinta, logo em seguida o túmulo de Jeronimo de Viveiros ,família Sarney, alguns governadores, como Alberto Torreão, depois de uma certa distância toca-se o Urro do Boi em Homenagem ao Coxinha , Maria Aragão, Bandeira Tribuzzi onde foi levado vários atores para interpretá-los quando do aniversário de 10 anos do passeio. Esse é o roteiro mais tradicional, mas também pode se fazer diferente.

3 Como as pessoas reagem ao passeio no cemitério?

Quem é do ramo adora o passeio, e quem não é do ramo pelo menos perde um pouco o medo de visitar o cemitério. Durante o passeio é feita uma abordagem sobre a morte, tentar desmistificar essa imagem aterradora que se tem sobre ela, pois o homem surgiu a partir da morte, a partir dos rituais fúnebres nas migrações durante as glaciações, cem mil anos antes de cristo, quando se migrava, quando passou a ter os enterramentos, esse culto aos mortos representou um ganho pra nós porque deixamos de ser animal e passamos a ser gente. Passamos a nos valorizar a partir da morte, então toda vez que a morte esteve próxima do Homem, o homem deu um salto de época. Depois de Cristo com a criação do purgatório que permitiu um enriquecimento da sociedade, e esse enriquecimento foi que trouxe a civilização, então começamos a sair da idade média, a partir do purgatório, porque em vez da pessoa ir direto pro “inferno” ou pro “céu” ,ela começou a pagar a igreja e então foi um acúmulo de riqueza em

Roma e em toda Europa, e esse acúmulo de riqueza permitiu os Mecenas, são as pessoas que custeiam os artistas, então surgiu o renascimento, surgindo assim muitos artistas consagrados.

4 Na tua opinião como a cidade de São Luís ver o projeto?

Sempre tem público, mas as pessoas não são ligadas a esse tema, as pessoas foram se distanciando, a ocidentalização da sociedade trouxe essa distância com relação a esse tema, vivemos na sociedade do prazer e a morte é a dor. Só que o ser humano só vive em paz, ele só consegue ter um equilíbrio quando ele tem a dor e o prazer, os dois são importantes. Como nós vivemos só o prazer, então há um grande número de suicídios, depressão, é por falta desse tema dor e do tema morte, a morte é um equilíbrio na nossa vida, houve a expulsão do defunto da igreja para cemitério, pra fora da cidade e tiramos da nossa cabeça e da alma tudo que dizia respeito a esse tema. Precisamos voltar pra isso e é nesse sentido que o thanaturismo, o turismo no cemitério é uma força pra fazer com que a pessoa se volte para esse tema tão importante, fazer com que a gente se redescubra, que nós estamos perdidos no mundo de hoje, poucas pessoas são dadas a esse tema, preferem tudo que seja relativo ao prazer.

5 Parece que o Brasil é mais afeito a festas, não tem essa cultura da morte como em outros países, você como turismólogo sente essa diferença em relação ao Brasil e outros países?

No Brasil não tem essa cultura, mas por incrível que parece os brasileiros quando saem daqui vão visitar os cemitérios, os cemitérios europeus estão lotados de brasileiros. Acredito que isso aconteça porque não estamos preparados, vivemos uma cultura aqui no Brasil, não só no Brasil, mas na América do Sul, uma cultura de hormônios, somos muitos ligados a festas, a gente não se programa, é muito também da nossa cultura hispânica, ibérica, Portugal e Espanha, a gente não consegue planejar. Na América do Sul agimos muito por impulso, por isso somos muitos manipulados, a gente não pensa de uma forma mais regular.

6 Em relação as políticas públicas do estado para o Turismo, há algum incentivo?

Turismo tem um orçamento pífio, o Maranhão já foi muito de turismo, no século XIX o Maranhão era turismo, as pessoas vinham para cá fazer negócios e acabavam ficando. Hoje não há investimento, a cidade se tornou muito frágil, hoje nós somos completamente colonizados, mas em outros tempos éramos colonizadores, é preciso voltar essa mentalidade boa de conquistar o mundo.

7 E quanto ao cemitério? Considerado um museu a céu aberto, há algum apoio?

No cemitério não há apoio nenhum, salvo a administração que faz sua parte, mas o que trouxe visibilidade para o cemitério foi o passeio, porque levou os olhares lá pra dentro, trouxe as câmeras, as lentes, as pessoas passaram a pagar anuidade e o cemitério arrecadou mais, o cemitério tem um papel muito importante no sentido de preservar o patrimônio.

8 Como você ver o Turismo daqui em diante? Quais suas perspectivas?

Não vejo o turismo como prioridade no Brasil, no Brasil a prioridade é o que dá voto, mas temos um potencial gigante, vejo que ainda podemos nos tornar novamente a potência do Maranhão que já foi no passado, hoje vivemos muito a sombra de Fortaleza, Belém e etc., falta a gente se desprender e ter uma visão mais larga de política, de comercio e de ser humano pra gente deslanchar.

9 Um roteiro como o de Thanaturismo, seria uma boa saída para o turismo em São Luís?

Ele ajudaria bastante, pois tem muita gente que gosta, ele tem público, minha ideia era profissionalizar o projeto e oficializar pra prefeitura assumir e colocar os moradores pra trabalhar nele, formando grupos pra tomar de conta, então ficaria o poder público a frente e depois a iniciativa privada colocando no pacote turístico das operadoras.

10 Como você ver o roteiro de Thanaturismo para São Luís?

Um assunto que está fora de moda, mas entre estar fora de moda ou dentro da moda é um estalar de dedos, então a temática pode voltar, até porque o tema tem pacto com a permanência, ele é ad eterno literalmente, esse tema é pra ser copiado em todo Brasil, e quem sabe o Maranhão vai exportar esse tema, temos muitas coisas lindas aqui, falta uma política mais efetiva, trazer de volta coisa boas, que devolvam a vida das pessoas. Temas como a morte e temas afim ficaram muito distantes de nós, por isso há tantos erros, trazer isso de volta pra nós é o caminho.

Antônio Noberto é Turismólogo, Escritor, Historiador, Membro fundador da Academia Ludovicense de letras (ALL) Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM)membro da Luminescence Academie Francaise (do vale do Loire na França), e membro fundador da Academia Vargem-grandense de Letras e de Artes (AVLA) vencedor de inúmeros prêmios, entre os quais se destaca como o de melhor pesquisador do Brasil.

ANEXO

ANEXO A – Mapa do cemitério do Gavião



Fonte: Google Maps

Localizado no Bairro da Madre Deus na rua branca 85-131 - Belira, o cemitério do Gavião possui aproximadamente cerca de 12.938 sepulturas, aproximadamente porque não se tem o número exato destas sepulturas que ainda podem serem vendidas, pois são de reuso, ou seja, aquelas que são abandonadas pelos donos por pelo menos cinco anos, mas há muitas em desuso por mais de trinta anos ou mais.²⁵

²⁵ - Administração do cemitério do Gavião. Empreendimento São Marcos LTDA.

ANEXO B – Autorização de Fotografia

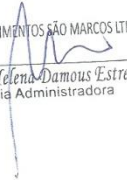
EMPREENDIMIENTOS SÃO MARCOS LTDA
ADMINISTRADORA

DECLARAÇÃO

A Empreendimentos São Marcos Ltda, empresa que administra o cemitério do Gavião, neste ato representada pela diretora, Maria Helena Damous Estrela, declara para os devidos fins que a aluna **Aremys Nascimento Santos**, do curso de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão – UFMA **está autorizada** a realizar estudo fotográfico das sepulturas para desenvolver sua pesquisa “UMA PROPOSTA DE THANATURISMO EM SÃO LUÍS DO MA: a necrofilia como motivação para o turismo cultural”.

São Luis, 28 de abril de 2019

Atenciosamente,

EMPREENDIMIENTOS SÃO MARCOS LTDA

Maria Helena Damous Estrela
Sócia Administradora

Rua João Pereira Damasceno, nº 7, 1º Andar – Ponta do Farol
CNPJ: Nº 03.965.757/0001-08
E-mail: saomarcos@ymail.com
CEP: 65.000-110 – Fone: (98) 33370153

ANEXO C – Autorização de Fotografia

TERMO DE RESPONSABILIDADE

AREMYS NASCIMENTO SANTOS
 portador (a) da C.I. nº 52325096/7 e C.P.F. nº 629244003-68

estado civil SOLTEIRA
 residente a R. Frei CAWENA/28 JORDOA fone nº
(48) 987690557

peço presente termo assumo toda e qualquer responsabilidade pela
 transação que envolve a sepultura n° TODAS
 do Cemitério SAVIA (cópia) (gratuito) onde acham-se inumados os restos mortais de
_____ inclusive quanto ao direito sobre os

mesmos e as outras informações prestadas, eximindo a Empreendimentos São Marcos - LTDA- ADM,
 dos Consórcios dos Municipais, de quaisquer problemas e responsabilidades futuras oriundos da referida
 transação, sob pena de vir a perder todos os direitos adquiridos na mesma.

Outras informações: Parcelamentos a partir de um ano de atraso, serão automaticamente cancelados

Observação: Rol de pessoas que poderão utilizar a sepultura na ausência do titular

FOTOGRAFAR, POR SEM NAI
DIUTAR EUSQUEIS DOS MURSE
LEUS. PARTICULARES SEM AUTO
RIZACIO PNEIAS.

São Luís, 18 de Junho de 2019

Armys Nascimento Santos
 Assinatura

 Assinatura